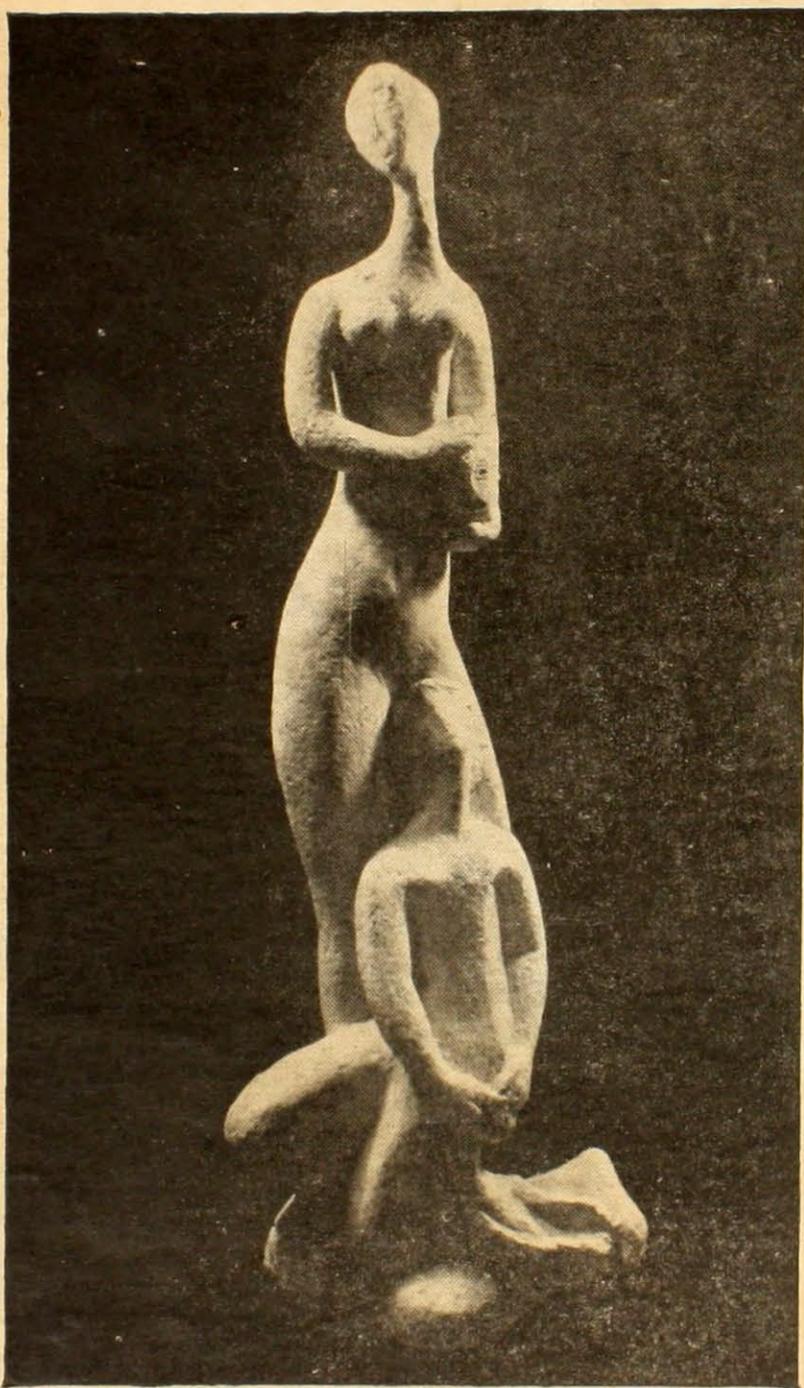


Sul

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA



10

O ROSTO E A MÁSCARA

ESCULTURA DE

BRUNO GIORGI

PROPRIEDADE DO
"MUSEU DE ARTE MODERNA"
DE FLORIANÓPOLIS

O Rosto e a Máscara

Eglê Malheiros

Por detrás das convenções
E da expressão estabelecida
A ternura

Ondas infinitas
Dessa imensa e desolada ternura
Mais desconsoladora
Que o ódio
Que o revoltado desespero

A face
Luta e pensamento
Procura desvairada
De uma explicação
Solução...
Resposta...
Para si... para o mundo
E um louco
Um ardente
Desejo de paz

O rosto desnudo
De raciocínios e axiomas
O desejo triste, onipresente
(Melancolia do inatingível)
De ternos anseios
Que o homem sonha
Mas não se diz

No recesso
Do mundo íntimo
Os doces, quase infantis
Inconclusos
Gestos de carinho

O homem sem máscara
Um punhado de ternura
Um grito alucinado
Por calma e paz

Ode ao Último Poeta

Marco Aurélio Moura Matos

*Eis a teus pés a planteie do tempo.
Junta as palavras que te fizeram único,
Arma com elas o grande azul do céu desconhecido,
Não lamentas a longa solidão da noite
Mas fecha em teus braços as sombras que te esperam.
Senta-te à quimera do crepúsculo
E aguarda o fim do teu exílio.
Pelo teu corpo recentizado as idades oscilaram
No amar e desamar, no lembrar e deslembrar.*

*Quem, em meio ao cântico da carne,
Se recordará de ti, ser indireto e dissimulado?*

*Nessa noite anterior à fronteira da morte
De repente os homens se calaram.
Nessa noite em que és só.
Como o navio perdido na vitória das águas.*

*E enquanto outros se despediam,
E buscavam despedidas,
E o manto do mundo tornava-se áspero e difícil,
Emancipavas os pássaros e os animais de natureza
[cegos,*

*A brutal aquiescência dos astros
Pesava ainda nos teus ombros largos
—Nem a pouca música restante
Dissimulava a exigência astral.*

*Líquidas, as constelações jaziam no teu rosto,
Nos teus olhos as catedrais se refletiam.*

*No começo os homens puderam descer da montanha
E armaram o fogo na planície.
Então o mundo era jovem,
O amor insepulto e múltiplo no vento,
Recentes a infância, a dança, o privilégio mesmo
[de amanhã.*

*Hoje, a noite é aparição antiga,
E como um touro ferido
Vem morrer na pupila do teu mundo.
Nas tuas mãos acordadas
As corôas se dissolvem.
Caminhas junto à abóboda do mar,
Levas para o território sem palavras
Os pianos e as camélias que a morte rejeitou.*

*Ninguém se negará ao teu derradeiro movimento:
Seguirás trêmulo e diverso,
Como os reis antigos ao receberem os filhos exilados.*

(22-9-49—Belo Horizonte, Minas Gerais)

NOTÍCIAS DAS TEMPORADAS TEATRAIS EM FLORIANÓPOLIS

S. M.

É bem verdade: Florianópolis é uma cidadezinha curiosa e estranha. Por suas características gerais, pelo seu ambiente, por seu povo. Florianópolis, deixem-me dizer assim, a abandonada de todos e de si mesma, de repente se descobre — e os outros também a descobrem. E se espantam com ela... Pois que a cidade possui seus encantos e seu fascínio, seduz e prende, atrai e agrada ao visitante...

Ainda agora, nestes últimos meses do ano, foi assim. Muitos visitantes ilustres e todos quase ao mesmo tempo e muita companhia de teatro das melhores que percorrem o Brasil. Falaremos aqui, resumidamente, destas companhias.

Há muito que não se via teatro nesta bendita e fermosa Desterro. As companhias tinham medo daqui chegar, já eram prevenidas quando saíam em excursão para o Sul do país (assim nos falou Paschoal Carlos Magno) "não passe em Florianópolis". Não passavam. Ou só passavam chanchadas, companhias de infima classe. Ultimamente nem estas. Pois que já não encontravam ambiente propício às suas charopadas.

Pois bem. Quando agora surgiram boas companhias, foi um verdadeiro sucesso. Que causou espanto. Que entusiasmou.

Tudo começou depois de "Cândida", de Shaw, na encenação do TECAM. Este espetáculo abriu a temporada. Deus nos livre agora de meramente insinuarmos que tudo foi por influencia desta primeira apresentação. Absolutamente. Queremos somente deixar consignado que a reviravolta começou com a consagrada peça do centenário irlandês. Que apesar das possíveis falhas tidas na encenação, agradou quase por completo e preparou terreno para as companhias do Rio. Viu-se que o povo podia aguentar melhores peças do que as que se lhe vinha dando. É que o povo também muda, evolui — e já estava cansado das infundáveis peças pseudo culturais, que não passavam de truque. Ele estava a exigir maior sinceridade, coisa mais seria, feita com intenção artística — que não lhe quisessem o dinheiro pura e simplesmente. Queria algo consistente e novo, em troca de sua presença e apoio...

Primeiro veio Bibi Ferreira. Foi um sucesso tal que todos se admiraram. A própria Bibi, a Empresa Daux, até o público, ou nós do CAM, ninguém esperava tal coisa. Consagração, verdadeiras enchentes, casas inteiramente lotadas, um público sensível que acompanhava e aplaudia entusiasmado, que seguia com atenção o desenrolar das peças. Que aturava sem tugar nem mugir as péssimas cadeiras e as insaciáveis pulgas do velhíssimo teatro Alvaro de Carvalho.

Bibi estreou com "Divórcio", de Clemence Dane, peça com altos e baixos, julgamos, mesmo que a tradução não deve ser fiel ao texto, ao original. Pois possui certas incongruências sem desculpa e que sanadas poderiam transformá-la numa grande peça. Tema ousado e difícil. Boas as interpretações. Bom conjunto. Cenários sóbrios. Depois de "Divórcio" outras peças leves e bregeiras, com "A pequena Catarina", "Diabinho de Saias", etc. O mais importante porém, na companhia de Bibi Ferreira, era o conjunto, a unidade, o trabalho para um mesmo fim, a encenação de espetáculos belos. Porque teatro é isto: é preferível um conjunto apenas bom, a um único grande artista em meio a mediocridades, como era costume se fazer antes no Brasil toda vez que uma companhia ia percorrer as províncias. Desta vez não. O que vimos foi equilíbrio, valorizando as peças. O que não quer dizer que Bibi não se destacava dos demais. Destacava-se e muito. Sem contudo

quebrar demasiadamente o ritmo da interpretação geral. Sem porém ofuscar demasiadamente seus companheiros e assim prejudicar o espetáculo no todo. Da mesma forma também podia-se notar que um Delorges se encontrava deslocado nada oferecendo num "Divórcio".

Logo depois surgia Madame H. Morineau e seus "Artistas Unidos". Com um repertório de alta classe. Com bons artistas. Boa montagem e direção caprichada. Prá empregar uma expressão da gíria e que melhor define o que foi a temporada, Madame arrombou, abafou a banca. Encantou, tomou conta da cidade.

O repertório dos Artistas Unidos era tido como difícil. Era tido, não; era. Peças pesadas, temas ousados, peças que exigiam concentração total do espectador. Imagine-se agora a dificuldade. O público não acostumado com tais gêneros de peças que o deveriam chorar. E prá contrapeso, o teatro, as pulgas eternas...

Madame Morineau trazia peças das mais importantes do moderno teatro mundial. "Uma rua chamada pecado", de Tennessee Williams; "O pecado original", de J. Cocteau; "Medeia", o classico grego de Euripedes, numa adaptação modernizada do poeta norte americano Robinson Jeffers, etc. Eram peças que se dizia não servirem, não agradariam em Florianópolis. Mas serviram. Ajudada por alguns bons artistas como Margarida Rey, muito especialmente, Dary Reis, Jacy Campos, e com esta promissora atrizinha que é sua filha Antonieta Morineau, Madame nos ofereceu verdadeiras noitadas de arte, espetáculos belíssimos para nossos olhos ávidos de coisas boas. E para nós, do TECAM, ainda tivemos o contacto direto, as instrutivas palestras de Madame e seus artistas. Madame delicadíssima e culta, muito nos disse, muito nos ensinou e contou. A ex-companheira de Louis Jouvet, além de grande atriz e diretora, sabe declamar como ninguém, e nos encantou dizendo de forma inimitável poemas de Verlaine...

... Mas, falemos da atriz, das peças e de teatro...

Não sabemos qual espetáculo maior, e melhor apresentado e com melhor cenário, e melhor dirigido, ou onde os artistas se houberam melhor, ou ainda onde houve maior deficiências. As críticas, as opiniões divergem, os gostos variam. Prova grande de que, dentro do valor e importância das peças, houve igual valor de interpretação e agrado ou não. Sobre Madame, por exemplo. Qual sua maior interpretação? Somente podemos dar opinião particular, "nossa". Talvez até pela própria peça que foi a que mais nos agradou. Já o dissemos aliás em artigo para o jornal: a complexa criação de Yvone em "Pecado Original". Madame interpretou de maneira soberba, "viveu" o tipo em toda a sua verdade psicológica... Porém que dizer de Blanche Dubois seu personagem em "Uma rua chamada pecado", a Estércoq em "Frenesi", ou "Medeia" ou "Rainha Elizabeth"? E então Alice Galvoisier no tipo inteiramente diverso de "Mademoisele", naquela mulherzinha fútil? Pura questão de gosto e maneira de ver e sentir as criações. Inegável é que foram verdadeiras lições de teatro; verdadeiras aulas de interpretação, de como dizer, andar rir, se conduzir em cena. E o aproveitamento das expressões fisionômicas, do jôgo das mãos, da vida própria que pareciam possuir...

Sem grande unidade de conjunto, com altos e baixos, mas sabendo suprir inteligentemente as falhas, os Artistas Unidos que não se apresentaram aqui com os mesmos elementos do Rio, improvisando algumas vezes como no caso do Conde de Essex, deixavam que a gente

Conclue na página

EXPEDIENTE
S U L
REVISTA DO CÍRCULO
DE
ARTE MODERNA
Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.
Brasil

*
CONSELHO DE
DIREÇÃO:
Eglê Malheiros
Ody Fraga e Silva
Anibal Nunes Pires

*
SECRETÁRIO:
Salim Miguel

*
GERENTE:
Armando S. Carreirão

*
Colaboração técnica:
Doralécio Soares

*
CORPO DE REDAÇÃO:
Margot Ganzo
Antônio Paladino
Archibaldo C. Neves
Élio Balstaedt
Fúlvio Luiz Vieira
Pedro Taulois
Walmor C. Silva

*
REPRESENTANTES:
Rio — Hamilton V.
Ferreira
P. Alegre — Odílio
Malheiros Jor.

*
SUL acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, especialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem as responsabilidades de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contacto e permuta com outras publicações.

ASSINATURA POR DOZE NÚMEROS: Cr\$ 24,00

PREÇO POR EXEMPLAR: Cr\$ 2,00

As assinaturas podem ser pedidas diretamente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Fala a "Letras e Artes" o Escultor BRUNO GIORGI de regresso da Capital Catarinense

O escultor Bruno Giorgi, acaba de regressar de Florianópolis, onde esteve durante uma semana, a fim de assistir a inauguração do busto de Ruy Barbosa, de sua autoria. Como lhe pedissemos, detalhadamente, algumas impressões de capital sulina, o conhecido artista logo se expandiu:

O CÍRCULO DE ARTE MODERNA

— Volto encantado com o acolhimento que tive, com tudo o que vi e presenciei. Do busto de Ruy Barbosa dei, que foi colocado na praça 15 de Novembro, tendo falado por esta ocasião o sr. Armando Simone Pereira, secretário da Educação e da Justiça. Quanto à cidade, confesso-me surpreendido ante o ambiente cultural e artístico de Florianópolis, sobretudo o grupo de jovens do Círculo de Arte Moderna. É um movimento admirável e digno de nota o que eles ali empreendem, mantendo a revista "SUL", já tão conhecida aqui no Rio, o "Teatro Experimental" e o "Museu de Arte Moderna". Poderei citar, ao casa, os nomes de Eglê Malheiros, Ody Fraga e Silva, Salim Miguel, Archibaldo Cabral Neves, Walmor Cardoso da Silva, Pedro Taulois, Elic Ballstaedt e Sálvio de Oliveira. Não vá nisso, porém, nem um melindre; estou citando apenas os que me vêm a memória no momento.

— E quais os principais característicos do movimento?

— O característico principal é a homogeneidade. Depois, a seriedade. Convictos dos altos fins de cultura e de arte, procuram realizar uma obra impessoal, com um sentido de grupo. Quer dizer: agem, norteados por um pensamento comum, que os irmana nos ideais e nos propósitos. É de destacar-se, acima de tudo, o fato de serem muitos jovens; alguns não possuem mais de dezenove anos.

O APOIO DOS PODERES PÚBLICOS

— E como são vistos pelos poderes públicos?

— Com simpatia, compreensão e ausência de preconceitos anti-modernistas. Não seria demais lembrar o apoio que lhes tem dado o sr. Armando Simone Pereira, se-

cretário da Educação, bem como os membros do Congresso estadual, cujo líder da maioria, o deputado Nunes Varela vem acolhendo as iniciativas de ordem cultural.

— E que sugestões lhe parecem oportunas para dar mais amplitude ao movimento?

— No que se refere à arte plástica, creio, seria muito proveitoso e nada difícil a criação de um curso, convidando-se pintores e escultores do Rio e São Paulo para lá irem lecionar temporariamente, por uns sete ou oito meses, mais ou menos. Um pequeno auxílio do governo poderia resolver isto.

Aliás, nota-se no grupo grande respeito pelos mestres, não havendo entre os jovens, pruridos dissolventes e anarquizantes. Marques Rebelo é um nome muito acatado ali, pode ser considerado uma espécie de patrono do grupo. Devo acrescentar ainda que "Letras e Arte" encontra o melhor público em Florianópolis, sendo lido com particular interesse pelos novos.

SALVEM-SE OS CASARÕES

Bruno Giorgi transmite-nos, agora, suas impressões de Florianópolis como cidade.

A PAISAGEM NATURAL

— É um dos mais interessantes recantos do Brasil, malgrado o espírito crítico dos próprios ilhéus, os primeiros a não acreditar nas belezas da sua terra. O conjunto pareceu-me muito harmonioso, sendo de lamentar-se que se comecem a destruir os velhos casarões que lhe empresta uma feição arquitetônica tão típica e marcante.

Era o caso de lançar-se um apelo aos poderes no sentido de impedir que o progresso da urbe se faça com esse sacrifício, evidentemente desnecessário. Construam-se arranha-céus, mas poupem-se os casarões. Creio que pode haver lugar para tudo. Outro aspecto que particularmente me impressionou na cidade foi a sua beleza natural, sobretudo os blocos de pedas que se acumulam pelas curvas e enseadas, oferecendo-nos uma permanente sugestão plástica, e evocando qual-

Renato Almeida e os Novos de Santa Catarina

Walmor Cardoso da Silva

A convite da Academia Catarinense de Letras, Sub-comissão de Folclore e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, veio a Florianópolis, Renato Almeida, para fazer uma série de conferências sobre música folclórica.

Agora as oportunidades que tivemos de conversar com ele, Renato Almeida mostrou o desejo de estar conosco por mais tempo. Para isso, então, realizamos uma Mesa Redonda na qual também esteve presente Paschoal Carlos Magno — que pela segunda vez estava em Florianópolis, desta, de volta de Porto Alegre.

Anotamos parte do que disse Renato Almeida. É claro que muita coisa se perdeu, outras talvez não tenhamos captado com inteira fidelidade, pois não era possível acompanhar aquela discussão que ele provocava com sua vivacidade, na sua identificação para conosco. "A gente — disse — envelhece exteriormente, mas o importante é o espírito e o meu será sempre jovem."

Participante do Movimento de 22, Renato Almeida falou-nos da significação que teve para o Brasil este movimento.

"O Movimento de 22 teve uma grande importância. Era preciso olhar o Brasil fazer coisa nossa e portanto coisa nova. Cada qual teve a sua maneira e não houve escolas. Surgiram as mais variadas tendências: antropofagismo, verde-amerelismo, grupo da anta, etc."

"A princípio escolhemos umas figuras das mais representativas para atacar."

"Começava o grande inquérito no Brasil: estudos de sociologia, antropologia, história da música (a importância da música brasileira, surge com 22). Tudo isso, data do movimento moderno".

"Hoje estamos numa encruzilhada. Quero perguntar: o problema essencial é se o artista deve estar interessado na vida social e política ou continuar isolado?" Depois de umas considerações a respeito (o artista interessado, mas orientado, pode fazer música — Renato Almeida como musicólogo, falava em geral o ponto de vista musical, o que não importa — do plano universalista, música nacionalista; ou deixar o artista livre senhor da sua emoção criando como ele quer) e um pouco de discussão, Renato Almeida deu-nos um exemplo, o seu próprio caso.

"Todo o nosso desejo na vida era ser intelectual, era não participar, continuar isolado. Entretanto a lição modernista nos ensina que nenhum escritor pode se dar a esse luxo. Deve realizar alguma coisa de útil. Não esquecer o dever que o artista tem para com o meio. Por isso, me dediquei à musicologia. Paschoal poderia fazer literatura em Londres, comodamente, em vez de estar agitando todo o Brasil e batalhando por um teatro brasileiro. Há o interesse nacional. Outro exemplo é Mário de Andrade, que teve uma ação social muito forte, aliás a mais intensa dentre todos".

"Antigamente não acontecia assim; achamos a atitude de Bilac quase heróica. Alberto de Oliveira para receber as homenagens que lhe prestávamos, nos recebia paternalmente na sua torre de marfim... Hoje, não, há este contacto direto entre duas gerações."

Hoje, temos por exemplo Renato Almeida e Paschoal Carlos Magno, entre nós ambos pelo destaque e projeção que possuem no campo intelectual, significam de modo bastante expressivo o pensamento geral, o rumo que os intelectuais tomam, o de manter um contacto mais estreito e íntimo com os novos.

Continuando, Renato Almeida repetiu uma pergunta — digamos curiosa — que lhe fizeram: "Como é que eu não interessado no tradicional, no folclore, apreciava Portinari e aceitava as tendências da arte moderna?"

"Ora, não há contrasenso nisto; há até a tendência da arte moderna em aproveitar os temas populares", ou melhor foi a arte moderna, em grande parte que chamou a atenção do país para os temas populares."

"Devemos distinguir certos pontos: o choque que nos causa a arte moderna será facilmente compreendido, se examinarmos que por séculos a arte permaneceu nos antigos moldes. De súbito começa a reação, os cubistas. O cubismo é o sentido exato da cor e do volume. Que significa isto? Por que não perguntar em música? E na música a explicação é muito mais difícil do que na pintura. Quanto às deformações, os clássicos as tiveram."

"Por que nós não podemos admitir que o volume e a cor causem emoções? O direito ao abstracionismo é sagrado. Admitir que o artista faz aquilo para brincar, para zombar, é absurdo! Pessoalmente, eu não gosto dos abstracionistas; são muito cerebrais. Trazem entretanto uma grande contribuição: soluções."

"Guerra Peire, por exemplo, está aproveitando o atonalismo na música nacional".

"É questão, não de aceitar, mas de não rejeitar. É um grande exemplo, de quem que sinceramente estuda o problema da arte moderna, vendo o esforço e a honestidade e julgando com imparcialidade".

"Nem tudo o que é moderno é bom. Do mesmo modo — podemos acrescentar nós — como nem tudo o que é antigo é bom. Evidentemente neste momento de campanha se aceita tudo. Não há tempo de verificar, mas o tempo fará a seleção. O que não podemos de maneira nenhuma, é desprezar o que se está fazendo."

Literatura, música, pintura, teatro e mil outros problemas que nos preocupavam e que interessava a Renato Almeida saber a nossa opinião, foram discutidos, misturados de uma maneira que só mesmo nós... alucinados (como nos chamava Paschoal) éramos capazes de fazer.

"Não é possível que Picasso esteja brincando. Em tudo isto, há um preconceito: a beleza. A arte procura emocionar e não, a beleza".

"No quadro de Portinari, a mulher chorando com lágrimas enormes. É um modo de expressão; as lágrimas são o centro do quadro. Noutro quadro, a famosa bicicleta mostra que o sacrifício de Abraão está fora do tempo, é eterno".

"A reação contra Portinari (que foi convidado pelo governo norte-americano para decorar a Biblioteca do Congresso em Washington) e Vila-Lobos (um dos maiores compositores contemporâneos e cujo nome é citado em todos os compêndios de música) não é maior, porque a aceitação veio de fora".

"A que atribue você, não ter aparecido no Brasil um número de autores de teatro a altura dos músicos?"

Era Renato Almeida que perguntava a Paschoal o motivo de não ter ainda aparecido no Brasil um teatro; um teatro que se pudesse comparar com outros estrangeiros.

Paschoal tem a palavra: "Em primeiro lugar, o preconceito do meio".

Nunca foi possível o nascimento de um verdadeiro teatro. Ser ator teatral, não era decente pra ninguém e quem seguia a carreira teatral, recorria ao último recurso de que dispunha. As famílias não permitiam de maneira alguma que seus filhos se tornassem atores. Os mais decididos, rompiam com os seus, fazendo um ato heróico. Era um ato de bravura ser ator. Era uma profissão à margem da sociedade e só hoje vai-se compreendendo a grandeza, o sacrifício e o desprendimento daqueles que fazem da ribalta a sua vida. Só agora começa a nascer o estímulo, o apoio e a compreensão para com aqueles que escolheram tão alto ideal.

"Segundo, o preconceito intelectual — a coisa mais chatíssima do mundo"

"Escrever para teatro era degradante, era descer. O teatro ficou nas mãos de uns cavalheiros que faziam a "pequena revista". Só houve até agora no Brasil, o teatro de revistas. A reação, hoje, está na primeira fase: há o ator, o diretor, o cenógrafo, o eletricitista. Mas... só existe teatro quando existe autor".

Conclui na página 24

ENTREVISTA COM BRUNO GIORGI

Por *Élio Ballstaedt*

"On Apprend Toujours Quand On Aproche Des Jeunes". - Maillol.

Nestes primeiros dias de novembro chegou à Florianópolis, o escultor Bruno Giorgi. Trouxe-o aqui, primeiro, a inauguração numa de nossas praça públicas de seu "Rui Barbosa", busto encomendado pelo Governo do Estado; segundo o desejo de entregar pessoalmente ao Museu de Arte Moderna de Florianópolis a sua escultura, "O Rosto e a Máscara", que gentilmente doou. Fomos procurar Bruno Giorgi poucas horas depois da sua chegada e resultou que, mesmo antes de ser apresentado aos orgulhos florianopolitanos: a ponte Hercílio Luz, a figueira da praça, nossas praias, o vento "Sul", já se via ele forçado a marcar data e hora para ser entrevistado pela nossa revista de arte moderna: "Sul".

Artistas quase Anônimos

Mas, quem é o escultor Bruno Giorgi? Afóra reduziísimos, ninguém aqui o conhece.

E' que entre tôdas as artes, é a escultura a que menos se presta para a rápida divulgação do nome dos seus artistas. Enquanto que poetas e escritores têm suas páginas impressas aos milhares, transcritas em revistas provincianas; pintores já contam com uma técnica aperfeiçoada que reproduz em quantidade e fielmente seus quadros, músicos podem ver suas composições espalhadas em discos,

executadas por diversas orquestras fatores todos êsses que contribuem rapidamente para o conhecimento imediato do artista pelo povo, o escultor está fadado a ser um quase anônimo, apenas admirado pelos poucos que visitam sua exposição ou que vêem fotografias-claro que visão im-perfeita—de suas esculturas em revistas especializadas. Verdade é que até hoje, no Brasil, nenhum escultor enquanto vivo, conseguiu a "consagração" do povo.

Eis a razão porque Bruno Giorgi é ilustre desconhecido que Florianópolis hospeda, nesses primeiros dias de novembro.

Rápidamente sua biografia

Em razão dos motivos, acima, o que primeiro procuramos saber de Bruno Giorgi, para contar aqui, foi algo sobre sua vida. Ficamos sabendo: Nasceu em São Paulo, 1908. A mocidade foi encontrá-lo em Roma, mergulhado na beleza clássica e eterna da escultura dos gregos de Miguel Angelo, da Renascença. Ao mesmo tempo, era fervoroso anti-facista o que o levou a quatro anos de prisão. Enfim, liberto, e expulso da Itália, dirigiu-se à Paris onde muito aprendeu estudando Rodin e Maillol. Depois, com seu nome já consolidado naqueles dois grandes centros artísticos mundiais, Roma e Paris, voltou ao Brasil, impondo desde logo o seu talento. De seus trabalhos aqui, destaca-se o "Monumento à Juventude", marco impercível na história da escultura brasileira. Pretende ficar para sempre em sua terra natal, só se ausentando em rápidas viagens.

Palavras da Crítica de Arte

Atualmente Bruno Giorgi é considerado pelos criticos, como o melhor escultor brasileiro vivo. Por isso, perguntamos aonde poderíamos colher julgamentos criticos sobre sua obra. Ali mesmo nos foi pôsto nas mãos o catálogo da sua última exposição. Transcrevemos então, para nossos leitores alguns dos julgamentos.

"Não seria exagero dizer que Bruno Giorgi é dos maiores, senão o maior escultor brasileiro vivo". (Ciro Mendes, crítico de arte na capital paulista).

"O Brasil é muito mais um país de formas que de cores. Formas dos morros, formas das palmeiras, formas das morenas! Mas depois do Aleijadinho o Brasil não teve escultores. Até agora, até Brecheret, até Bruno Giorgi!" (José Osório de Oliveira, famoso ensaísta português).

"Bruno Giorgi chega a um ponto de maturidade em que êle não é mais senão uma teoria escultórica de si mesmo" (Mário de Andrade).

"A estátua da "Moça de Pé" basta a revelar o ímpeto de sua radiosa mocidade, o sentimento profundo da beleza plástica feminina, a distinção "pessoal" de sua arte orientada na melhor tradição". (Manoel Bandeira).

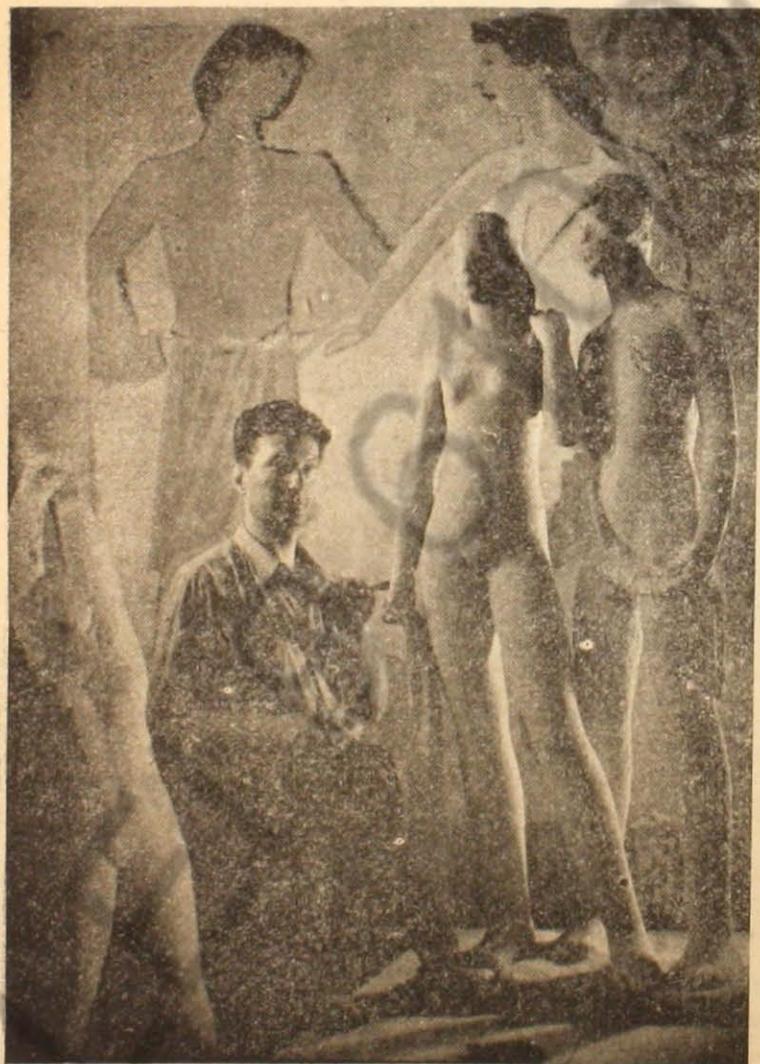
"INTERMEZZO"

As palavras que até aqui ficaram, foram palavras como que de apresentação. Conhecido o artista, só nos restava puxar do bolso a caderneta em que estavam anotadas, uma a uma, as perguntas que iríamos fazer.

A Entrevista

Nós — Sartre definiu a escultura como "arte à qual cabe lixar o movimento na imobilidade". Concorda? Não se esqueça de que somos leigos e quase ignorantes do assunto, apenas interessados. Portanto, seria de grande utilidade ouvirmos suas palavras sobre sua arte.

Bruno — A escultura, não sei se por felicidade ou desgraça, não dá muita oportunidade a divagações literárias. Inútil defini-la desta ou daquela maneira. A forma escultural está na pedra como a energia está na matéria.



O difícil é libertá-la, dar-lhe vida. Só isto interessa ao esculptor. As definições são divagações filosóficas que variam de cérebro para cérebro, de época para época. Quando muito, têm valor pedagógico, de utilidade para os críticos. Nós, os esculptores, não devemos preocupar-nos muito com definições de nossa arte.

Nós — Já podemos falar de escultura brasileira? Em que pese a contribuição do modernismo, patenteou êle tendências nacionais em que é visível o esforço para a libertação do que é importado? Qual a situação da escultura no Brasil, em face da de outros países?

Bruno — Tenho a impressão de que a escultura no Brasil estaciona num ponto morto. Falta o espírito de pesquisa. Temos um folclore rico e variado para campo de estudos, caminho, sem dúvida nenhuma, apontado pelo modernismo. Mas são poucos os que querem continuar por

êle, que é duro e cheio de derrapagens. A maioria limita-se comodamente a imitar os gregos e os romanos. E a preocupação única de muitos artistas, e não digo todos, é conquistar um pedestal na galeria dos gênios. (fácil alias, graças às "igrejinhas" e porque genio hoje em dia, é título largamente distribuído). Ao meu ver só conseguiremos uma escultura nacional, sem deixar de ser universal, como a arte dos mexicanos, quando, através de uma disciplina modernista rigidamente clássica na estrutura, assimilarmos, enriquecendo-a, a arte popular, que não é mais africana nem portuguesa, é brasileira, pois há quatro séculos, vamos dizer, que se processa a fusão.

Nós — Fala-se, atualmente, de uma nova corrente nos domínios das artes plásticas, que se não é franca'mente acadêmica, pelo menos tende ao que chamam de 'ponto ideal', nem tanto para lá, nem tanto para cá. Que nos diz desse movimento?

Mo
nu
men
to

à

Juven
tude.

Escul
tura

de

BRU
NO

GIOR
GI.

Um

dos

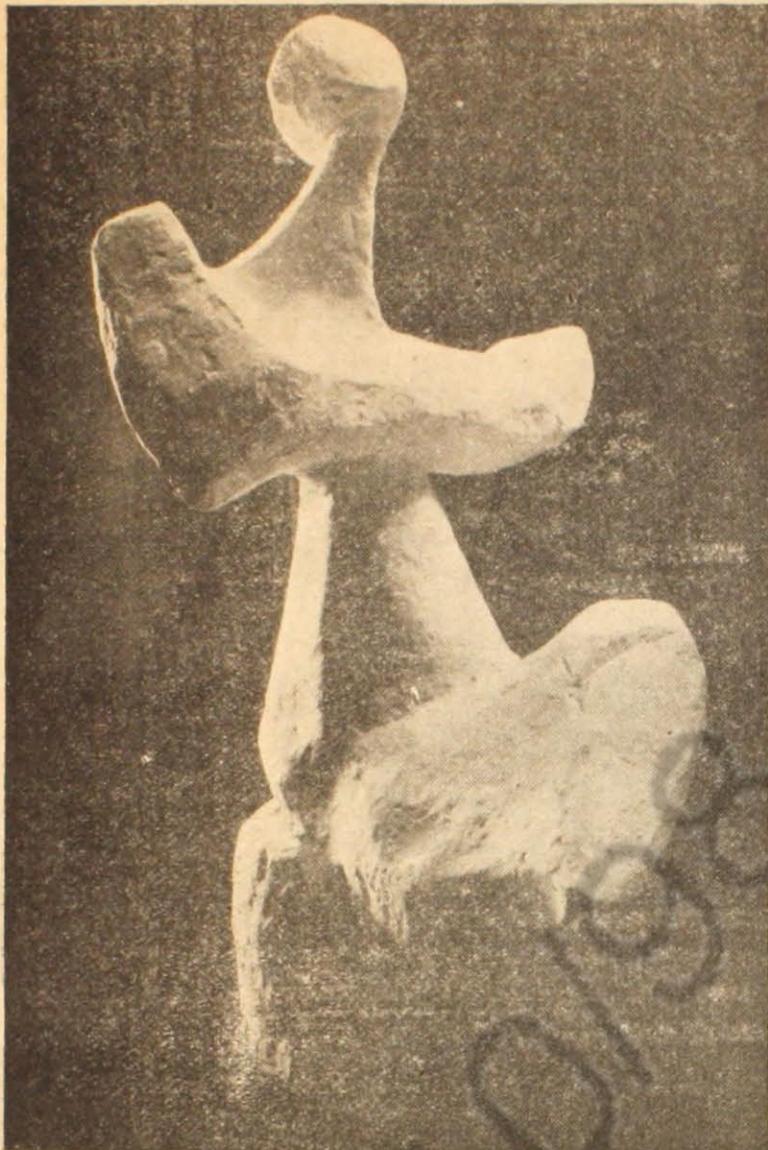
seus

mais

im
por
tantes

traba
lhos





Bruno — Tal movimento existe, e decorre do oportunismo de mediocres, das conveniências demagógicas e da malandragem hipócrita. Representa, ao meu ver, o elemento mais perigoso que o reacionarismo opõe ao trabalho do artista, que nessa época de transição e de renovação deve ser de pesquisa, de criação artística. Fundir dessa maneira as tendências da arte, equivale a um "piétinement sur place", que cristaliza o ímpeto vital do modernismo e reduz a meras fórmulas as conquistas mais independentes e arrojadas que já se fez em arte.

Nós — Você não é artista de cinema, em todo caso gostaríamos de conhecer os acontecimentos que você julga de grande importância para sua formação artística. Na Europa, conheceu famosos escultores? Que impressão lhe resta deles?

Bruno — Há uma nota humorística nos começos de minha carreira: Quando meus pais querendo matricular-me num curso de pintura, inscreveram-me noutro de escultura. Há também, já na juventude, uma nota dramática: Quatro anos de prisão por um ideal de justiça. Julgo estes dois acontecimentos os mais importantes em minha formação artística, pois o primeiro foi como se o acaso quisesse conduzir com divertimento meus primeiros passos e o segundo rompeu definitivamente pondo-me numa imobilidade salutar para depois afastar-me para novos mundos — os laços que me ligavam a preconceitos acadêmicos e dos quais difi-

mente me libertari^o se continuasse naquele ambiente de grandiosidade morta.

Dos escultores que conheci na Europa, o que mais me impressionou foi Maillol, pela humildade com que observava as coisas. Diante duma minha estatueta que lhe mostrei, o famoso Maillol, o velho mestre exclamou: "Sempre aprendemos quando nos aproximamos dos jovens" — "On apprend toujours quand on approche des jeunes".

Nós — Sobre a "Escola Nacional de Belas Artes". Tem de fato, assim como está sendo orientada, valor concreto, expressivo dentro do cenário artístico nacional?

Bruno — A esta pergunta responderei lembrando-me de Dante: "Não te preocupes com eles, mas olha e segue".

Nós — Os críticos de arte foram unânimes em afirmar que o Salão deste ano foi um verdadeiro fracasso. A seu ver, quais os motivos de tal fracasso?

Bruno — O motivo principal foi a mesquinha interferência de jogos políticos apoiados na cegueira de uns, e má fé de outros. O espetáculo foi dos mais lamentáveis e humilhantes. Extremamente ridículo o conúbio das duas divisões acadêmica e moderna. Os membros do júri irmanados numa comum mazorca lembravam um quadro mal pintado de romanos e sabinos depois de consumado o rapto.

Nós — Desejariamos que dissesse algo sobre seu "Rui Barbosa" que Santa Catarina adquiriu. A técnica empregada. Sua idealização.

Bruno — Pouco tenho a dizer. O artista não pode explicar detalhadamente o seu trabalho, pois o que lhe passa no cérebro, em certos momentos, não é reduzível à lógica das palavras. Modelei o busto, relativamente em pouco tempo, pois as feições agressivas, inteligentíssimas de Rui só podem ser interpretadas num rápido e rítmico impressionismo. E evitei toda a largueza de planos e fixações de harmonias, que prejudicariam enormemente o conjunto emocional daquele rosto.

Nós — Por último, pode falar-nos da sua impressão de Florianópolis do nosso Museu de Arte Moderna?

Bruno — Confesso que grande foi minha surpresa ao entrar em contacto com os jovens modernistas de Florianópolis. Não contava encontrar aqui um grupo de moços tão interessados em problemas de arte. Grande também, foi minha surpresa quando vi a realização mais grandiosa que, nesta época de raquilismo espiritual, possa intelectualmente distinguir a nobreza de uma cidade e a inteligência de um governo: O Museu de Arte Moderna.

IL Finale

Bruno — Desejo deixar aqui externado, através da revista "Sul", o meu agradecimento ao Governo de Santa Catarina que pela voz a mais ilustre das que possam iluminar uma elite, a do Dr. Armando Simone Pereira, incumbiu-me da execução da herma a Rui Barbosa e convidou-me para visitar esta linda cidade de Florianópolis.

E quero também dizer, como artista plástico, que graças à compreensão dos dirigentes de Santa Catarina, não está longe o dia em que o Museu de Arte Moderna terá sua sede própria, com todas as atividades típicas desta organização cultural. Ai então, a velha Desterro poderá ostentar com maior orgulho este nome, pois será sede do mais nobre desterrado de todos os tempos: o espírito da criação.

A ESCRAVIDÃO

Matilde D'Espaux

Quem estava oculto no mar
Chegou por longos caminhos
Uma rosa apertada sobre o peito
com uma estrêla por guia,
vinha trazendo, da morte os suspiros.

Na manhã sem luz esperei,
o vôo das andorinhas
aos ninhos dos telhados.
Só cheguei quem do mar
vinha sonhando, do amor a escravidão.

Dofda senti que já para o mundo
não tinha olhos.
Senti a dor da pomba ferida
Senti o chirriante ódio
de quem perde a liberdade.

A rosa sangrou-lhe no peito...
e eu bebi dessa torrente inimiga...
que tinha o gosto da terra sêca...
e do amor a côr avermelhada.

Veio do mar trazendo-me a noite,
as espinhas nuas do silêncio
e as lágrimas de todos os adeuses.

Tenho a esperança sobre um horizonte,
as mãos cheias das espumas do mar,
areia no rosto, vento nos cabelos
e os choros das gaivotas apertados na garganta.

Longe está o branco navio
e a canção marinheira.
Chegou e partiu. Veio do mar
vai para o mar.
Uma ferida mais nas águas!
Uma lágrima mais rolando
nas pedras!

Montevideo — Uruguay

POEMA

Luiz Francisco Rebêlo

*Trouxe-te a noite ou o vento para o meu lado
Os teus braços venceram todas as distâncias
E as minhas mãos próximas afagam os teus cabel-
los longínquos*

*Perto ou longe meu amor são palavras sem sentido
Tu flutuas no ar que eu respiro e o teu corpo
Roca-se no meu transformado em sol em brisa em
vento*

*A tua voz rasgou o espaço para vir ter comigo
E no silêncio desta noite que sabe a rosas desfolha-
das
Apesar da distância os nossos corpos se encontram
e se amam*

(agosto 1947)

Portugal.

Mensagem á amada.

Sérgio Vellozo

Não quero falar-te agora.
Minhas palavras teriam um ritmo incompreensível
E repeliriam todas as emoções que eu te quizesse
transmitir
O desespero e a dor que elas levariam consigo
Não encontrariam repercussão em tua alma alegre
e sã.

Deixa que o Tempo
E o proprio Destino
Te ta'hem na face
Os traços do sofrimento e da desilusão
E te envolvam nesta mesma atmosfera de amargura.

Então,
No isolamento dos nossos próprios seres,
Uniremos nossas mãos cansadas...

Rio.



O LOUCO

Continuação da página 10

teu lado. Suicida-te... Estás à procura de sensações
novas, para que melhor do que o suicídio?

Assassino — (Tragando, ávido, a fumaça)

— Não me suicido, isto é que não... Jamais —
(Pausa) — Quem és tu afinal? Que queres?

Estranho :

— Eu sou a justiça do espirito. Procuro mino-
rar teus sofrimentos. Enforca-te, afoga-te, envene-
na-te... Oh! Quanta poesia, encanto, sedução possui
o suicídio.

Assassino — (Jogando fóra o toco do cigarro):

— Enganas-te miserável. Tentas-me, és irresis-
tível, mas eu não me renderei. Sou livre... livre.
No entanto admitamos que eu me suicide... Que
pensas dele?

Estranho :

— Oh! O suicídio... como é belo, original, in-
discritível. O homens torpes, insensatos... pu-
desseis vós medir vossas palavras condenando o
suicídio, pudesseis vós compreender o suicida. —
(Elevando a voz) — É num momento de desespero,
de angustia, é numa fração de segundo em que o
suicida não é homem, nem espírito e não é louco-
nem são. Quanto não daria para saber os pensa-
mentos dêle entre a vida e a morte. Que força pu-
jante impele o homem para o abismo do incompre-
ensível? Que força é esta que destrói todas as
outras? — (Pausa) — Quem é aquele que tem as en-
tranhas dilaceradas? Quem é aquele que tem as

Conclui na página 27

Conclusão da 1a. página

"sentisse" tal fato. Mas nem por isto deixaram de impressionar menos profundamente, foram o que de melhor já se viu em matéria de teatro, de bom teatro, aqui em Florianópolis. E viram que a cidade sabe acolher e aplaudir o teatro sério, o teatro feito com compreensão artística.

E finalmente "Sandro e Maria Della Costa". Que diga-se de passagem, já começaram mal. Florianópolis, uma cidade quase que inteiramente de pequenos funcionários públicos e comerciários, bancários, etc, não é cidade para se estreiar em meados do mês. Tem que ser em princípios, época da saída da "gaita". Mas, não foi só isto, já antes de chegar a companhia corriam "estranhos boatos". Foi a temporada mais "acidentada" e menos feliz do ano.

Sandro trazia, sem favor algum, os melhores cenários, as melhores montagens já vistas, sonoplastia ótima, ótimo jôgo de luz, etc no campo técnico. E dois ou tres artistas. O mais, péssimo. O conjunto sem unidade, periclitante, artistas improvisados nenhum dos nomes de cartaz que sempre se tem apresentado com Sandro no Rio... A companhia aqui, só deu dois espetáculos que valeram; ainda assim um bom e um passavel: Tereza Raquin e Tobacco Road. Nas outras difícil de se reconhecer o tão decantado conjunto. Aliás, repitamos, não veio aqui o conjunto de Sandro, mas pequeníssima parte dele. Titubeando. Não falaremos de "Morro dos ventos uivantes", nem "Rebeca", espetáculos falhos sob todos os aspectos a não ser o técnico. Nêste Sandro foi o melhor, onde se salvou de um debacle total. Estas duas peças só por muito pouco não chegaram ao ridículo...

Mas falemos ligeiramente de Tereza Raquin, muito bem adaptada, com cenas belíssimas e bem compostas como a da alcova, e bem interpretadas. Ou mais ainda de "Tobacco Road", o melhor espetáculo da temporada. Todos muito bem, integrados em seus papéis, vivendo-os a contento, sabendo joga-los, dando-nos todo o intenso drama da família Jeeter Lester. Os sonhos, o amor à terra, os entrechoques e lutas, tudo.

Não nos foi dado assistir a tão decantada "A prostituta respeitosa", do existencialista J. P. Sartre. Foi proibida pela censura local numa atitude que não discutimos mas com a qual não podemos concordar. Pode ser que a intenção com que a propaganda foi feita não seja muito certa. Concordamos. Foi feito sensacionalismo em torno da peça, para atrair o público.

Mas não houve motivos para proibição quando a peça tinha sido liberada no Rio.

Tivemos ainda temporadas de Alda Garrido, inegavelmente grande atriz no genero, perdida em meio a enormes mediocridades, sem direção nem nada, pendendo para a pura pornografia quando poderia fazer ótimo teatro ligeiro; e também aqui esteve o mágico Cantarelli e sua companhia de mistérios.

A temporada teatral em Florianópolis, que foi aberta com "Cândida" de Shaw, pelo TECAM, encerrou-se também com um espetáculo do TECAM, apresentado dia 23 de dezembro: "Pinocchio", peça em tres atos de Ody Fraga, adaptada do original de Collodi. Foi um belo espetáculo, muito bem montado, com bonitos cenários de Walter Wendhausen que utilizou muito bem a simplificação, estritamente com os moveis utilizaveis. Bonitos efeitos de luz,

música muito bem aproveitada, interpretação sóbria de todos os participantes, com ligeiro destaque de Dante Ravaglio, do Teatro do Estudante do Paraná especialmente convidado a participar da peça, e Jason Cesar. Os demais, um tanto indecisos na estreia, firmaram-se na segunda apresentação, principalmente, Walmor, um grande Pinocchio, Maria Alice, um grilo simplesmente delicioso e Margot Ganzo, um gato perfeito. Ligia Moelmann na Fada, uma figura bela no palco, esteve um pouco prejudicada pelos nervos e constante riso. A peça de Ody, com uns retoques, com alguns aperfeiçoamentos, dará uma peça de primeira para crianças. Possui todos os elementos. Ody saiu-se bem da experiencia. Apenas, como já havíamos notado antes, a peça é o seu tanto intelectualizada para os espectadores mirins. Em certas cenas eles cansam, se desinteressam, fogem do texto, se deixam levar. A criança exige rapidez, movimento, ação, que a prenda à cadeira. E de notar ainda na peça de Ody, a quase inteira "não presença" do A. Os personagens vivem por si sós. A conclusão também vem por si só. A moral da história não toma conta — mesmo porque Ody não teve intensão de fazer teatro com moral ou sem ele. Mas de fazer teatro. Diversão pura e simples como já notamos em tópico anterior. De modo que a conclusão depende mais da pessoa. O ser vivente, Pinocchio, ajudado pela consciência, Grilo Falante, que formam o bem e o belo, vencem a rapoza, ser matreiro e sabido, tentador simbolo do mal. O que só se define no fim da peça. A criança recebe a mensagem sem forçar, simplesmente, sem prestar maior atenção, sem que tal coisa a caceteie. Uma interessante tentativa neste genero tão difícil e tão raro que é o teatro para criança. Uma promessa...

Mas não foi só no teatro que foi importante este fim de ano em Florianópolis. Não! A cidade esteve movimentada. Personalidades várias do mundo cultural e artístico do país aqui estiveram nos visitando. Quase todos na mesma época. Citemos rapidamente, para registro, alguns: O velho amigo Marques Rebêlo, que de vez em quando, inesperadamente, dá as caras por aqui, vem visitar a gente; o outro bom amigo Dr. Jorge Lacerda, orientador de "Letras e Artes" o suplemento literario do jornal "A Manhã", do Rio, aqui passou uns dias; o ministro Renato Almeida, veio a convite de várias instituições culturais fazer palestras sobre música e folklore; o escultor Bruno Giorgi que veio assistir à inauguração do busto de Ruy Barbosa em tão boa hora a êle encomendado pelo governo estadual; o músico Edino Krieger, brusquense, um dos componentes do grupo "Música Viva"; e com todos eles o CAM manteve contacto, debates em torno de problemas de arte, tratou, discutiu, realizou palestras e mesas redondas no Clube Doze, ou no Bar Rosa, ou no Café Rio Branco. Assim o CAM aprendeu, mas não só isto, como também mostrou que aqui se está fazendo alguma coisa.

E também Paschoal Carlos Mafno, crítico teatral do Corrêio da Manhã, diplomata, teatralogo, amigo sincero de todo teatro no Brasil e principalmente incentivador do movimento dos novos no teatro e criador deste monumento que é o Teatro do Estudante do Brasil.

Foi um ano proveitoso.

Conclusão da 2a. página

quer coisa assim como o sul da França a Côte d'Azur. Magnifica igualmente, a ponte que une a cidade ao continente, que é a maior da América do Sul.

Que hei de dizer do povo? Acolhedor, gentil, hospitaleiro. Vol-

tando ao terreno artistico, quero ainda acentuar o desenvolvimento da arte popular em Florianópolis. Visitei varias oarias, onde se fazem estatuetas típicas, como no norte. Coisa para se admirar mu-

to e incentivar. Numa palavra -- conclui Bruno Giorgi -- voltel satisfeitissimo e entusiasmado.

(Entrevista publicada no Suplemento Literário "LETRAS e ARTES" do Jornal -A MANHÃ do Rio de Janeiro, no dia 20-4-1949).

Carlos
Drummond de
Andrade

—
Desenho de
Segall



O LOUCO

Hugo Mund Jr.

1 ATO

Personagens:

Assassino

Estranho

Cenário

Sala comum, desarrumada. Uma mesa nua e duas poltronas estão em primeiro plano. A única iluminação provém de uma lampada, que só ilumina uma das poltronas e a parte esquerda do palco. A outra poltrona está à direita na obscuridade.

Cena única

Assassino, parecendo meditar profundamente, sentado na poltrona iluminada. Estranho na obscura, só se distinguindo sua silhueta.

Assassino:

— Aqui estou. Acabei de cometer um crime e me sinto tão bem, tão calmo... devia estar nervoso... aterrizado. Oh! Com é bom matar, sentir o sangue quente, fugidio e pegajoso nas mãos... retirar lentamente o punhal da ferida ver o sangue fluir, palpitando como uma fonte virgem. Nunca pensei que o assassinio fosse tão delicioso. De todos os prazeres que procuro incansavelmente, o assassinio foi o que mais me empolgou. Que agradável é brincar com a justiça, sentir-se cupado, agir às ocultas... sinistramente —(Pausa)— E a consciência até agora não me reprovou. Que me acontecerá depois? Terei remorso? Arrependimento?

Estranho:

— O futuro o dirá. Vocês criminosos seguem todos o mesmo caminho. Após o crime, não se sentem culpados, não têm consciência nem sentimentos... Isto é devido ao superexcitamento dos nervos, da mente. No cérebro há uma confusão de idéias fúteis, que não condizem com a atualidade. Mais tarde, porém...

Assassino — (Interrompendo-o)

— A consciência é a assassina do homem. Quase todos os homens estão submetidos a ela. Quanto mais inteligente, quanto mais educação receber o homem, tanto maior é a força da consciência. A inteligência é a única faculdade capaz de compreender o abstrato e sendo a consciência uma coisa abstrata, só a inteligência a pode compreender. O homem sem consciência é um ignorante ou um anormal. Mas tu não estás nesse caso, tens educação, tens consciência... Ela não tardara a se manifestar.

Assassino

— Mas que coisa mais ridícula. Se tivesse consciência! há muito tempo devia ter aparecido. Imaginem eu, eu ter consciência! Lorotas...

Estranho

— Não se perde na tentativa de errar. Quando ela surgiu implacível, deshumana, terás que escolher entre o suicídio e a prisão.

Assassino

— Suicídio? — (Dá uma gargalhada) — Nunca pensei nisso, acho uma atitude muito tola, sem nexo algum. Quanto à prisão posso ficar desolado, fiz a coisa muito bem... sangue, muito sangue e mais nada. Procurei uma hora em que ela estivesse só, completamente só. Não deixei pistas, não

tenho a menor ligação com o morto. Ah! Duvido que eles me agarrem.

Estranho:

— E qual é o maior verdugo, senão a consciência? Melhor morrer, melhor apodrecer numa prisão do que enfrentar a consciência.

Assassino (Levantando-se e dando alguns passos pela sala.):

— Já estive pensando em tudo isto, como já disse; na verdade, pensei minuciosamente em todos os ângulos, em todas as reações deste assassinato. Se a consciência me atormentar como dizes — coisa que não admito — enfrento-a ou entrego-me.

Estranho:

— Formidável! Sabes qual é o maior herói deste mundo? É aquele que enfrenta, sem temor algum, a consciência. Ele é que é o herói verdadeiro, que deve receber todas as honras, todos os louvores. No entanto vive só, gozando a vitória que tanto lhe custou. Bem dizem que os verdadeiros heróis são aqueles que não o mostram.

Assassino

— Tens razão. Mas este nunca a vence, foge derrotado ou vai parar num manicômio. Triste fim de um herói, não?

Estranho:

— És muito objetivo, meu amigo. O primeiro caso é verdadeiro, o segundo não. A consciência pode vencer o homem, este porém, não a pode vencer. O que luta contra a consciência e enlouquece é um caso especial. Nem a consciência, nem o autodomínio vence, simplesmente abandonam o homem que se transforma nesta besta desprezável: o louco. O demente é um ser feliz, não ambiciona nada... Contenta-se com uma cama, um prato de comida e com a solidão. Oxala todos os homens fossem loucos, tivessem este ideal belo, nobre. Quando os homens compreenderem isso, não haverá mais ambição, intriga, e desprezo... Todo o mundo devia ser louco, louco.

Assassino :

— Isto me repugna. Não estou disposto a enlouquecer; matei... que posso fazer agora? Se me entregar à polícia, se me suicidar, o homem que matei ressuscitará, reviverá? Quiz provar esse gosto, esse prazer condenado pela sociedade... E como gostei.

Estranho :

— Estás completamente enganado. Devas pensar mais profundamente no caso. Cometeste um crime, uma ação abominável, condenada pela sociedade; se tiveste a ousadia de matar, por que não tens a de te entregar? Mas tu não és tão parvo assim, não vais te render. Teu caminho é outro, um caminho de glórias: o suicídio.

Assassino — (Nervoso, acendendo um cigarro):

Oh! Já te disse que não me entrego. Pare de dizer asneiras, vá embora e me deixe em paz. Deixe-me viver a vida que eu bem entendo. Vá.

Estranho :

Nunca te deixarei. Nunca... Até a morte do corpo ou do espírito. Até lá sempre me verás do

UMA ANTOLOGIA... NADA ANTOLOGICA

Salim Miguel

Verdadeiramente decepcionante a "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil". (Volume apresentado pela "Revista Branca", do Rio, como sua primeira edição e que contém 36 nomes de novos escritores do Brasil, de quase todos os estados)

Verdadeiramente decepcionante, dissemos. E é isto mesmo. Não que esperassemos algo de ótimo no gênero, uma antologia onde se destacassem muitos bons contistas novos, e que nos deixasse entrever uma nova geração bem futura, à qual fôsse possível prognosticar um belo futuro nas letras brasileiras. Não! Não tínhamos tal esperança. Já pela maneira como foi organizada a Antologia, um modo que nos pareceu nada bom, em que era quase impossível uma seleção; já porque o gênero contendo dos mais difíceis como realmente o é, exige de quem o queira utilizar e cultivar uma técnica toda especial, a qual não é logicamente possível que todos possuam. Nem tal coisa se lhes pede. Mas sob esse ponto o próprio organizador da "Antologia" já se manifesta na "Nota Explicativa", quando diz: "Não só de contistas, mas também de romancistas e poetas"; ao que nós acrescentaríamos ainda cronistas, críticos, etc. Porque, em verdade, o que menos há na antologia são contistas. E então de bons contistas e contos nem se fala. Tanto uns como outros pouco aparecem, podendo bem ser contados a dedo. E quando aparecem ou os contos já nos eram por demais conhecidos e neste caso, da maneira como a antologia foi feita quase não havia razão para encontrá-los numa antologia de novos (Murilo Rubião por exemplo, com seu conto "O Ex-Mágico", tirado do volume do mesmo nome e já por demais divulgado em jornais e revistas de todo o país) ou então não se apresentam com seus melhores trabalhos (e é este o caso de um Saldanha Coelho autor de alguns contos bem regulares publicados pela "Revista Branca" e que se apresenta com um inexpressivo "A Mulher do Comerciante").

Quanto a grande maioria, inteiramente sem importância. Contos de verdadeira insignificância, de factura escolar, de construção vacilante, titubeando, onde não se nota a busca, a procura estafante em procura de novos moldes no gênero, de contribuição própria nos trabalhos, de pesquisa, ou então uma perfeita técnica, um domínio completo do assunto e da matéria, do que se quer fazer, da meta a ser atingida.

A verdade já é por demais conhecida, é que no conto, não há por onde fugir. Dois caminhos, com todas as suas veredas, mas que partem sempre das mesmas linhas mestras, se impõem. E por eles é que é preciso saber se guiar.

Ou se conta uma história, um episódio, nos velhos moldes de um M. upassant (e até mesmo dentro desse estilo ainda é possível fazer coisa boa, exemplo nessa mesma antologia com "Os Mortos" de Ligia Fagundes Teles); ou então se tenta o conto moderno cujos mestres ainda são K. Mansfield e A. Tchekow, com aperfeiçoamentos por J. Joyce e alguma coisa da nova técnica de poucos americanos de vanguarda, influenciados pelo cinema (e também dentro deste se faz coisa ruim, exemplificando com "A Mulher do Comerciante" de Saldanha Coelho). Mas neste conto moderno é ainda muito mais difícil de se conseguir coisa boa, exigindo um

maior domínio técnico e estilístico, um aprofundamento maior, uma análise mais sofrida, mais pesquisa e procura, o aproveitamento das palavras em toda a sua beleza, para significar a coisa que se quer mostrar ao leitor...

Os da Antologia são na grande maioria contos feitos com absoluta despreocupação de estilo e linguagem (pois não queremos nem podemos crer que seja incapacidade), sem esta busca estafante do termo exato, do cuidado na construção da frase e do período, da coisa nova pura, sem servilismo aos antigos moldes, mas sabendo utilizá-los no que eles têm de bom, aproveitando tão somente o que eles nos podem dar como contribuição e valorização para o gênero, ampliando e tornando mais importante essa contribuição e valorização avançando em busca de caminhos indesejados... E onde encontrar tal coisa na Antologia da Revista Branca? Francamente, se tal antologia com seus contos representasse a nova geração de escritores do Brasil, se ela fôsse a sua expressão mais alta e o que há de melhor estivesse contido nela, pobre geração! Pode-se dizer que os nomes ali apresentados "sejam" valores da nova geração. Mas não se dá o mesmo com os trabalhos. Estes são um momento infeliz de elementos da geração. De vultos deslocados da geração: uns porque ainda não se encontraram, não encontraram seu meio de expressão; outros por teimosia, por insistirem num gênero para o qual não estão aptos nem possuem tendências. Porque, caso contrário, que geração seria esta, que já nasceu tão mirrada e sem valor, presa a uma série de idéias mais do que velhas e preconcebidas, caducas, presa aos modelos antigos que ela tão violentamente quer combater! E no entanto, que toma ela das gerações passadas? O que estas gerações fizeram de melhor, tiveram de dinâmico, o que estas gerações buscaram e pesquisaram quando eram a geração nova e de combate? Não! Tão somente o que essas mesmas gerações haviam abandonado, deixado para traz por já gasto e regasto; ou então o que essas gerações depois de passada a época haviam deixado de mais reacionário em matéria de Arte. Queremos crer por tudo isto que tal antologia não passa de um momento sem sorte da nova geração e com muitos deslocados. Prá felicidade de todos nós que a ela pertencemos. Caso contrário não poderemos, de agora em diante, criticar mais ninguém; que teremos sempre sobre nossas costas a carga da "Antologia".

A "Antologia" está cheia de contos onde o lugar comum, o banal, o já cediço e gasto, prá lá de devendo estar enterrado, se nem e passeiam de mãos dadas. O conto regionalista de poir espécie, o conto piada de classe mais infima, o conto surpresa, até mesmo o conto pseudo moralista, em estilo rançoso, e que nada tem a ver com arte ali se encontram. É de abismar a falta de auto crítica. O mau gosto na escolha, espanta. A falta de um pouco de compreensão do elemento artístico valorizado pelo bom gosto é quase total. A construção das frases e dos períodos é periclitante, não se mantém de pé nem se situa num plano de conto já não dizemos bom, mas passável. E a construção, a unidade do trabalho é quase sempre falha, o desenvolvimento sem interesse, o conjunto fraco, o

estilo frouxo. Quando a tentativa é de conto moderno, não se conhecem as linhas mestras do gênero, os seus maiores cultores, como agir e aproveitar as menores coisas e as transmitir. Quando se quer fazer o conto académico, não se possui a base e o conhecimento dos que o praticaram antes. Imita-se. . .

Parece não se fazer pesquisa, não se esforçar. Raros, bem raros os que buscam construir algo próprio, trazer algo novo, dar uma parcela de si mesmos para o volume. Nenhum conto que traga uma contribuição verdadeiramente nova ou original. Poucos contos que se aguentam por si sós, sem o nome do autor conhecido já por trabalhos anteriores a aguentá-los, a firmá-los. Nenhuma revelação. A grande maioria parece se satisfazer em ter colaborado para a "Antologia". Póbre Antologia! Com uma apresentação tão boa, numa edição feita com tanto carinho e bem cuidada, até mesmo com algumas boas xilogravuras de Yllen Kerr. Sim, porque até mesmo Yllen conhecido por tantos trabalhos de real valor em muitas das ilustrações do volume, foi bem infeliz. Mas, agora pergunto: Também com tais trabalhos poderia ele ter feito coisa melhor, poderíamos nós exigir mais? E mereciam os "contos" em sua grande maioria coisa melhor?

Num apanhado para alguns trabalhos melhores, em nossa opinião — isto é, que mais nos agradaram — ficaríamos em dúvida, porquanto a verdade é que bem poucos são bons, valem alguma coisa e um estudo mais demorado, uma procura de pesquisa e filiação. Sempre é difícil e desagradável uma escolha de tal forma, pois as mais

das vezes não passa de particular, coisa íntima, afinidade; e a análise fria e impessoal é quase impossível. Por isto, na nossa opinião, além de "O Ex-Mágico", de Murilo Rubião, "Entre a Fila e o Jardim", de Gastão da Holanda; "Em torno de um Veleiro", de Nataniel Dantas; "Os Mortos", de Lígia Fagundes Teles; "O Navio", de Aluísio Medeiros; "Céu Limpo", de Eduardo Campos, "Os Manequins", de Braga Monte Negro; pouca coisa mais se salva. Muito pouca. Pequenos trechos esparsos. As vezes de trabalhos quase sempre sem significado até mesmo de nomes de valor. Algumas frases e períodos de contos como por exemplo: "O Baralho", de Da Costa e Silva Filho; "A Mão e o Destino", de Clóvia Malheiros; "Padrão G" de Carlos Cavalcante Borges, "Capela Velha", de Roland Corbier "A valsa" de Breno Acioli; e mais uma meia dúzia, frás soltas da primeira parte de "Cafezinho de Visita", de Anibal Nunes Pires, o único elemento de Santa Catarina que participa da Antologia. E só. Mas mesmo em todos estes que citamos, quase na falta de contribuição própria ao gênero, só se salvando uns dois ou três.

E é pena. Pois que esta "Antologia de Escritores Novos do Brasil", se feita com mais cuidado e atenção na parte intelectual, poderia mais tarde tornar-se um ótimo documento, contribuição valiosíssima para o conhecimento "exato" de um período de grandes transformações tanto culturais como sociais no Brasil. Assim nada mais é do que uma inexpressiva coleta de contos, uns bons, outros passáveis e outros... nem isto.

— Setembro 1949 —

LÍVIA

Conto de Pedro Paulo

— Perdão. (Nem parece um sujeito de respeito, barrigudo.)

— Não foi nada.

A língua se encolheu um pouco e entrou (a ponta) no buraco do dente, uma grande broca. Olha esses aqui são os que doem mais, e me mostrou. Caco de garrafa, Jotiele, João, ele de quê? Maluco, passa sem buzinar, quase senti o paralamá. Eles riram. Ah! uma boa pedrada. Coitado dele, pensou. Que dente miserável, estou quase arrancando. Só com força sai. Não faz mal. Abriu a boca e franziu os lábios J. P. de Andrade. Como é que eu ficaria assim? A esta hora só a luz da cozinha está acesa. Na areia havia marcas de sapatos e eu olhando para elas. Um eram de sapato de borracha (uma porção de paralelas, as do meio maiores, cercadas por duas linhas fortes; na frente e atrás, mais fundas). Por quê? Não sei. Passei pelo café. O cinema termina as... para aí, o das cinco termina as sete e quinze, ... quinze para as dez.

-Leite?

-Não, pinga leite. Boti açúcar de mais. Vou sentar naquela mesa, aqui é uma mesa, já estou cheio de areia. Este café foi feito ontem. Tem qualquer coisa debaixo desta cadeira. Ah! é o teu guar-

da-chuva. Sentiu um puxão de orelha e se virou para trás. Um cara pedindo esmola. Da sua boca (que está sempre aberta) corria uma silva de meter nojo. Não tenho, meu velho, não dou esmola. Procurou duas moedas de vinte centavos, pôs na mesa e se levantou. Vou m'embora.

Andando pela rua, achou dois pedaços de papel dobrados ao meio. Eram duas cartas. "Minha querida mamãe, pego a mão na pena para dar minhas notícias e para saber das suas. Espero que ao receber estas linhas encontre a senhora com saúde enquanto nós vamos mais o menos. Mas seja o que deus quiser". Estava escrevendo às onze horas da noite. Uma caneta de pau verde ia do papel ao tinteiro sardinha. Preciso dizer pra ela que as tainhas chegaram todas mortas e com bicho. Também, depois de dez dias. Saiu de lá no dia que o Antônio foi para o hospital de clínicar todo inchado. Continuou andando. Esta mulher tem um corpo bem bom. Será que é a Amália? É bem parecida com ela. Ah, não, essa já é casada. A gente vê logo pela maneira de caminhar. A salvação da alma é de graça. Será que ela vai comigo. Puxa, mas a cura não ajuda. Andou um pouco mais

Continúa na página 17

Paschoal Carlos Magno e os Novos de Santa Catarina

Eglê Malheiros

Existem nomes que se tornam lendários para nós. Em geral simbolizam a realização de desejos que se nos mantem fantasiosa aspiração. E a gente se projeta nas suas realidades como se já tivesse mesmo feito alguma coisa de grande.

Assim, para nós, Paschoal Carlos Magno e o Teatro do Estudante. Eram o teatro realizado como Arte, levado a sério, com o arrojado de quem se sabe sincero e não teme inovar. Sangue novo no ambiente teatral brasileiro, forçando, pela educação das platéias, as próprias companhias profissionais a melhorarem seus repertórios.

Acompanhamos suas realizações com atenção, sentimo-nos irmãos, irmãos mais moços porém com vontade e ideal iguais. O exemplo deles foi nosso alicorforado em algumas horas de desconsólo.

Quando em meados deste ano o Teatro do Estudante do Rio e as organizações que formam com ele um todo notável (Teatro Experimental da Ópera, Seminário de Arte Dramática, etc.) iam ser fechados, acho que nessa hora avaliamos melhor o valor do que se ia perder. E o Brasil inteiro também. Todo mundo se mexeu. Inclusive o governo, prometendo uma verba que... parece está prá sair.

Mas o Teatro do Estudante aí está, de pé, mais cheio de vontade do que nunca. E quantos planos...

Eram velhos amigos portanto, Paschoal Carlos Magno e a turma do C. A. M. Ainda não se haviam encontrado. Em outubro Paschoal apareceu aqui em Florianópolis; e entrou em contacto com a turma. Fez palestras, falou, movimentou o ambiente, interessou outras gentes. Outubro foi um mês cheio, aqui. Pois além do Paschoal se encontravam nos visitando: Madame H. Morineau, Marques Rebelo e Renato Almeida. Fizemos reuniões movimentadas em que esteve presente toda esta gente célebre no país. Até desconhecemos a nossa modesta e provinciana cidade

Nosso bom amigo Paschoal nos agradou tanto em realidade como nos agradara em lenda. Conversamos, trocamos idéias, fizemos planos, sonhamos e passamos descomposturas, na maior camaradagem, E quanto aprendemos!

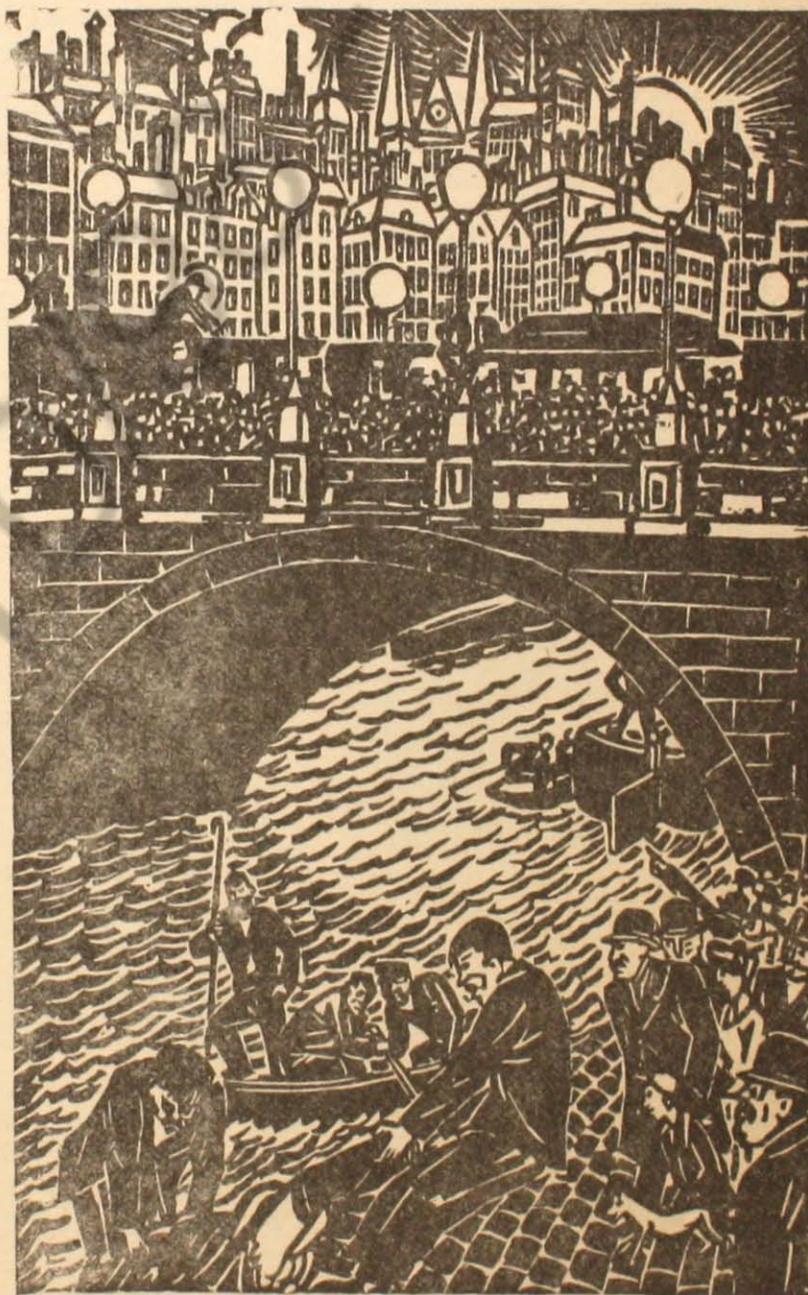
Paschoal considera parte da responsabilidade do artista a luta

pela melhoria do meio em que vive, o levantamento cultural e a educação do povo. O artista na sua função social, sem torres de marfim, contribuindo com o que pode e como pode para tornar o Brasil menos atrazado e futebolístico. "Se temos dinheiro para futebol, porque não haveremos de ter para teatro que é muito mais importante?" pergunta Paschoal. Aí surge o teatro como fator de educação, meio decisivo de entrar em contacto com a massa, criar um elo de sensibilidade e assim educar e ensinar. "Não se trata, diz-nos ele, de vocês fazerem aqui em Florianópolis,

logo de início um grande público. Mas sim tendo no começo umas duzentas pessoas interessadas (será que não se encontra?) ir gradativamente ampliando o número e assim educando e criando público."

Os pontos de vista de Paschoal não são tão sómente "pontos de vista", são diretrizes para a ação. Assim é que veio nos convidar para um Congresso de teatro de estudante e teatro experimental a se realizar em janeiro vindouro em Cataguazes, Minas. E ainda em princípios do ano, talvez logo apos

Conclúe na página 21



«A Cidade», Xilogravura de Franz Masserel

Nosso interesse pelo teatro infantil é o mais amplo possível, como também, por todas as manifestações artísticas dedicadas à criança. Este interesse deve ser ampliado a um máximo de até onde nos permite a situação e realização prática, precisa estar na órbita de atividades de todos os que estão empenhados no trabalho de renovação do nosso teatro.

O teatro infantil deve acompanhar ao máximo os métodos da moderna pedagogia e fazer barreira, além desta literatura deletéria, o que é condição sine-qua-non, dedicada à criança, ou melhor à exploração da criança, como, em um sentido novo, ao fantástico, ao maravilhoso, ao milagroso.

A experiência teatral infantil, além da oportunidade excepcional que oferece, dentro dos campos experimentais plástico e estético, tem o grande ponto positivo de ainda ir formando uma platéia liberada de vícios e preconceitos. Um teatro trabalhando normalmente para a petizada, através de múltiplas manifestações, será uma contribuição inestimável à cultura da criança, como cria um público inteligente e sensível, capacitado para mais tarde acatar e compreender as mais avançadas realizações cênicas.

Nossa preocupação com o teatro infantil data de longo tempo, condições adversas, contudo, principalmente de ordem econômica, nos têm impedido de apresentar uma produção palpável. Temos em vista, também, o fantoche e o marionete de grande valor na formação artístico-cultural da criança. Um teatro de fantoches, modesto no seu alcance, mais uma vez por causa do dinheiro, está sendo preparado, graças a boa vontade de um particular, tendo, as primeiras experiências, produzido resultados excelentes, o que nos animará a procurar manter, no próximo ano, o teatrinho de bonecos ambulante.

Quando criamos o nosso teatro de adultos para crianças, tivemos de usar os próprios recursos para preparar o texto. Assim, talvez motivados por reminiscências íntimas, transportamos à cena, em adaptação completamente livre, a interessante história de Collodi: PINOCCHIO. Utilizando a estrutura mestra da velha bela história, construímos uma pequena peça, para uns sessenta minutos de representação, visando novos aspectos e formas.

Conhecemos o trabalho, e o desenho animado, feito por Walt Disney, ao qual fazemos grandes restrições. Bruno Giorgi deu-nos notícia de outra realização, com o mesmo tema realizada na Rússia. Esta última segundo podemos depreender do relato de Bruno, muito mais importante do ponto de vista estético, possui ainda o prisma social, o qual é tratado com grande inteligência. Basta citar o início dado à obra: Em sua primeira manifestação de vida Pinocchio exclama: Tenho fome! Daí se desenvolve a história dentro de um plano eminentemente social.

Quando iniciamos nosso trabalho, tínhamos em mente, dentro da relatividade possível, construir uma peça realista. Apesar de entrar o boneco de pau, o gato, o grilo e a raposa, a criança não perde a visão nítida do faz de conta, da fantasia. Nada é apresentado com intensão de ser uma realidade. Tudo é encarado dentro do plano fantasioso e a criança vai tomar parte na história dentro de uma lógica relatividade, como se estivesse realizando tudo aquilo com os seus brinquedos.

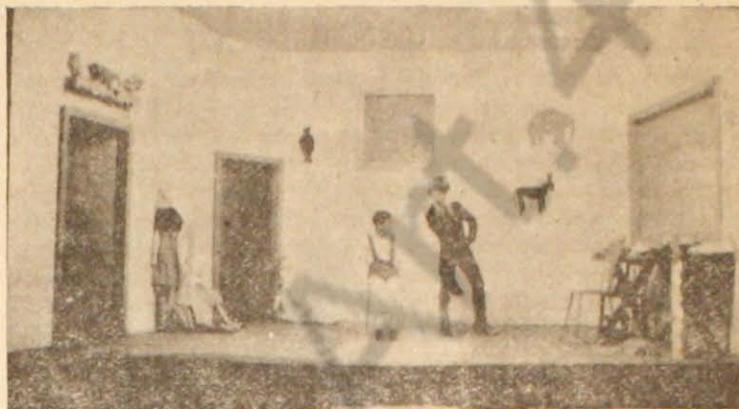
Evitou-se a mistificação e o fantástico. Não há o milagre, possuindo a Fada, como base do seu encanto e imanência do seu dom, apenas a bondade. Outra coisa evitada foi a lição de moral propositada. Si ela existe é fruto natural da peça, deixando de haver um só momento, em que o humano tenha sido violentado, para se atirar sobre a criança uma falsa lição ética.

Limitamo-nos a laborar em um campo quase que estritamente estético. Construímos uma peça com atos autônomos, onde a criança é considerada um espectador autônomo. Procurou-se um plano máximo de composição plástica, contar a história em linguagem o mais possível visualizada, para atingir-se mais diretamente à sensibilidade infantil. Há, então, uma sucessão de ritmos marcados, quase coreograficamente, onde o tema atinge sua maior expressão.

A música é usada como identificadora do personagem. Cada per-

Representação

Ody Fraga



(1) — A Raposa (Jason Cesar) e Pinocchio (Walmor Cardoso) numa cena do segundo ato. Jason, num papel malicioso, esperto, exigindo grande jogo fisiológico, criou um tipo dentro do palco, viveu-o integralmente, fez de um pequeno um grande papel; Walmor interpretou muito bem o boneco de pau inocente, aéreo, levado pela lábia da Raposa, que se afoba todo e não sabe se emendar. Walmor foi Pinocchio, teve um início ótimo ...



(2) — Esta cena poderia ser chamada "o sono lírico de Pinocchio entre os demais brinquedos". Walmor encantou a petizada com sua interpretação sincera e bregeira ao mesmo tempo. Torciam por Pinocchio na briga com a Raposa, erguiam-se nas cadeiras, emocionados, odiavam o bicho mau que tentava o boneco. Agora Pinocchio dorme, perto dos livros, sonhando talvez com o A.B.C que não consegue decorar. Quem sabe se não desejaria de novo ser simples madeira, se em sonho não o é ...

de Pinóccchio

Fotos de Walter

Estreitada a 23 de dezembro, tendo portanto encerrado o ano teatral em Florianópolis, a peça de Ody Fraga, baseada na história de Collodi, pode-se dizer que foi um sucesso e fechou bem o ano de 1945.

Melhorou, afinou-se durante as representações que teve. Foi um trabalho consciencioso, de equipe, que se impôs pela seriedade com que foi apresentado. Com alguns pontos fracos especialmente na estréia, que foram sendo sanados depois, à medida do possível, foi mais uma vitória do CAM. Que partiu dos esforços conjugados do grupo, especialmente da parte do teatro, de todo o elenco que se dedicou a fundo, da direção a cargo do Ody Fraga, dos cenários e guarda-roupa, desenhados e em parte executados por Walter Wendhausen, da precisão demonstrada pelo contra-regra improvisado, Odílio Malheiros Jr., que se saiu da tarefa melhor do que a encomenda.

"Pinocchio" foi grandemente valorizado pelos belos efeitos de luz, caracterizando os personagens, completando o ambiente, dando clima próprio a cada tipo, como por exemplo no caso da Fada, emprestando-lhe este sentido do maravilhoso (sem exagero) tão caro e que tanto agrada às crianças. De grande efeito também foi a música, que representava, anunciava os personagens, gravando-os no espírito infantil. Por fim, como no caso da Raposa, a criançada já prévia a entrada dos personagens. As músicas eram alegres ou graves, brejeiras ou melancólicas, delicadas ou ousadas, de acordo com o caráter de cada tipo, talhando a personalidade de cada um ...

Não somente às crianças, mas, como previramos, também aos adultos, a peça agradou, prendeu, evocou reminiscência da infância. Foi mais uma vitória do TECAM, confirmando mais uma vez o que disse Paschoal Carlos Magno: "O TECAM, um dos mais importantes Teatros Experimentais do país".

As fotos desta página dão uma breve idéia do que foi o espetáculo.
S. M.



(3) — A Fada (Ligia Moellmann) e Grilo Falante (Maria Alice). Cena do terceiro ato. Ambas estréias no palco, se saíram bem. Ligia fez uma Fada leve, mimosa ao extremo; Maria Alice um grilo que falava, agia e pensava como grilo. Note-se o cenário de Walter, simplificado, funcional, com os móveis utilizáveis, sem contudo dar impressão de vazio. E também os bonecos, nas paredes e chão, a mesa simples de carpinteiro, as cadeiras, tudo completando o conjunto com os dois personagens em cena.



(4) — O Grilo e Figaro (Margot Ganzo). Terceiro ato. As cenas entre Figaro e Grilo Falante, muito bem compostas e marcadas, com bonito jogo de cena, aproveitando-se muito bem o contraste entre ambas as figuras, para formas com a roupa e o cenário. Margot fez um gato perfeito, maravilhoso de graça, molengão se derretendo todo, com cenas verdadeiramente de ballet, como o da vassoura. Um pouco nervosa na estréia (da peça e dela no palco), se firmou nos espetáculos seguintes. A voz, os gestos, a maneira de andar e se mover, tudo de gato, tudo felino ...



(5) — Pinocchio e Geppetto (Dante Ravaglio, do Teatro do Estudante de Curitiba, especialmente convidado a participar da peça). Primeiro ato. Numa interpretação segura, sóbria, criou um ótimo tipo de velho, natural. Um velho, velho mesmo. Boa caracterização, movimentação justa, voz segura, dentro do papel. Nesta cena do primeiro ato, pai Geppetto examina o boneco, olha-o, sem saber que pouco depois estará admirado diante do boneco que ri, anda e fala, será uma pessoa igual as outras, com momentos de felicidade e infelicidade, tristeza e alegria.

Mas o espanto de pai Geppetto não será maior do que dos descrentes, dos que não acreditam nas realizações dos jovens, dos que só criticam sem nunca ter realizado nada.

Para estes será que também um dia o boneco falará?

O HOMEM MAGRO

Conto de Margot Ganzo.

Ela chegou até a esquina e olhou... o que? nem ela sabia. Esperava o marido, mas ai dele se chegasse como da última vez... "Vestido interessante aquele, mas não o usaria por nada deste mundo... meio espalhafatoso... talvez."

Uma velha dessas cegas e sujas encontrou-se com ela, sabia que não fora de propósito, mas, teve vontade de dizer um palavrão... "tomara que morra..." um cavalo magro e amarelo passou puxando uma carroça. «A rua está estreita para tantos animais. Como pode essa gente viver e continuar aturando a vida desses outros? tudo seria tão diferente se não existisse ninguém. Por que seriam todos iguais? Que coisa enjoativa estar esperando.»

Não, mas este não era o pensamento dela... Se enganava até com o pensamento, receiando que alguém pudesse lê-lo. Às vezes encontrava-se pensando uma coisa que era completamente diferente do que devia pensar, só para impressionar-se, era uma miserável! "Lá vem um bonde... ele devia ser pintado de outra cor, logo azul... que feio..." Um cachorro doenté roçou-lhe a perna. — Sai excomungando! berrou em seu interior, mas limitou-se a dar-lhe um ponta-pé na barriga." São sempre assim gostam de meter-se com a gente e depois não gostam de receber... Que também! Aquele homem tanto olha para mim, será que nunca viu? Já está passando da hora e aquele desgraçado não chega tenho tanto que falar; por que não mandou o dinheiro para os guris? Se ele continuar assim eu entro os dois num orfanato e vou ganhar a vida para mim sozinha, isto já está demais... e aquele homem ali tão esmirrado a olha-la... se não estivesse a esperar aquele peste iria dizer-lhe umas boas... "que é que ele pensa que eu sou? uma dessas? Mas os homens são todos assim até o próprio... que próprio, não há próprio neste mundo... vou perguntar se sou parecida com... ora também... Lá vem ele cruzando a rua, melhor para mim, tenho mais oportunidade de ver se é comigo a história. Ele pensa que pode se meter com uma mulher como eu... Já tenho que me preocupar com tantas coisas, cretino, como podia ele olha-la tanto, "encosto-me neste poste e vou olhar para ver se socega..."

— Ei voce aí... quer alguma coisa?

— Bem... eu não.

— Quer, então, deixar de me amolar... isto de me olhar e de me seguir não está ficando muito bom e mesmo eu não dou para isto.

— Diga-me, a senhora chama-se Alda?

"Como é que esse idiota veio saber meu nome, eu já lhe mostro."

— Chamo-me, e que é que o senhor tem a ver com isso?

— Recebi sua carta pedindo que viesse.

Como é que esse desgraçado foi receber a carta do marido dela? "Não está me cheirando muito bem, isto tudo quer dizer: esperei todo este tempo em vão só para ver este cretino."

— O senhor recebeu a carta e veio ver quem era a pérola rara, desiludido?...

"Tenho trinta e nove e... será que esse homem não desconfia, mas parece que tem algo... os guris precisam de dinheiro e se eu..."

— Bem não adianta continuar. Venha, vamos até minha casa é pequena mas é honrada! "Ele que vá atrás, é bom que não desconfie senão tudo está desfeito, gostaria que os pestes não estivessem em casa só assim seria mais facil de arrancar dinheiro desse diabo... não é lá muito apresentavel mas parece ter alguns mangos..."

— Então aceita?

— Vamos, é muito longe?

— Não, umas oito quadras... podemos ir andando a pé, sempre faço isto a pé.

"Se soubesse que é por falta de dinheiro, mas já deve ter desconfiado, preciso falar na carta."

— Sabe, aquela carta era para meu marido, estou separada dele, fazia muito que não nos encontramos e eu pedia a ele que viesse encontrar-se comigo e o resto o senhor já sabe. "Será que ele não fala? eu não falo mais, ora, esqueci de tirar o canário da janela e as camas ainda estão para fazer"...

Não tenho café em casa, que coisa. Tomara que os guris não tenham saído senão eu estou.

— Naquela casa ali da esquina um homem foi assassinado pela esposa por não querer dar-lhe dinheiro... "Sim essa era uma boa desculpa..." dizer que o dinheiro estava escasso e que, também tivera vontade de matar o marido porque não lhe dava dinheiro, mas aí ele desconfiava do que ela queria, não é bom tocar no assunto: dinheiro..."

— Falta muito?

"Que voz enjoada tem esse sujeito que seja a ultima vez que eu a ouça."

— Não senhor, umas quatro quadras. Na minha casa tem um divã muito bom, se o senhor estiver cansado pode deitar-se lá enquanto faço café.

"Estou cansada de falar e explicar, vou ficar quieta que é melhor... estou com frio, se aumentar mais tenho que dar um geito de comprar um casaco para mim."

Os guris que o diabo os carregue. Gostaria de saber o que ele está pensando, puxa como ele é

REPRESENTAÇÃO DE PINÓQUIO — Conclusão

sonalidade distinta possui uma melodia que a caracteriza. A criança familiariza-se com o tipo mais rapidamente, pois ele antes de ser fixado pela palavra o é pelo som, muito mais direto à sensibilidade infante.

No cenário procurou-se, identicamente, a solução da simplicidade. Composto em linhas lineares e cores modestas, suaves e acolhedo-

ras. Evitou-se o excesso de decorações, detalhes e retoques. Tudo tende para as soluções calmas, evitando-se qualquer tortura ou expressão cansativa. Da mesma forma foi tratado o guarda-roupa. Não procurou-se copiar fielmente o bicho representado. O pequeno espectador sabe tratar-se de uma pessoa vestida disso ou daquilo, fantasiada, imitando o gato ou a raposa,

Trabalhamos para conseguir dar à criança uma peça, onde ela, como espectadora, é respeitada e considerada conhecedora de todos os processos da criação. Em vez de ser iludida ela participará no espetáculo com inteligência e sensibilidade. Sabendo sempre o que, no fim, é realmente verdade.

magro! Será casado? ... Nem vou perguntar senão ele vai ficar ... minha sola do sapato está caindo preciso concertá-la por que não compro outro este ano, mesmo ele está apertando tanto ...

— Olhe já estamos chegando. É aquele prédio cinzento ... ali

— Tem gente em casa?

— Acho que não ... os guris estão brincando. "Que quer de saber, a casa é minha e não dole, onde está a chave?" — Sabe, eu moro num quarto lá nos fundos mas tem cozinha, banheiro e um quarto menor que é dos guris.

— Ah!

— Ah! é ... , será que ele não desconfia e fala um pouco, ou pensa que sou uma máquina? ...

Vamos subir é no terceiro andar.

— Ele parece um cordeiro ... mas parece também um lobo sei lá o que ele é.

— É aqui. "Vou abrir a porta ... também está tudo desarrumado ... ele não está gostando".

— O senhor sabe, quem tem crianças não pode ter uma casa arrumada ...

— Não faz mal.

— Olhe ali está o divã que lhe falei ... está um pouco estragado mas sabe as crianças ... deite, deite. "Que camisa suja"

— Dê-me seu paletó, eu guardo.

— Cuidado com os bolsos ...

— Onde pensa o senhor que está? "desgraçado!"

— Desculpe.

— Eu vou fazer o café, fique a vontade. "Se não tiver café vou ter que sair e ele pode escapar, se os guris estivessem aí, mas é bem bom que não estejam ... ele não vai perder uma oportunidade ... só se estiver louco.

— Espere um pouquinho enquanto vou comprar café.

Tem dinheiro no paletó ...

— Será que ele já desconfiou?

— Não precisava, mas como o senhor diz ... "é muito melhor que ele compreenda que eu preciso de dinheiro, não vou me demorar muito. Que diabo estas escadas, tudo quebrado ..." as minhas chicanas estão sem azas e só tenho um pires ... está ruim ... miséria! roupas pelo chão e tudo tão ...

— Café.

— Só?

— Ah! lá em casa não há pão ...

— Pão também.

— Até logo.

— Até logo.

— Será que ele saiu? Deve estar dormindo vou entrar bem devagarinho para não assustar e acordá-lo com o café pronto. É mesmo nem lhe sei o nome? mas isso será que interessa? Se eu não tivesse nome, não seria eu mesma? Bobagem ...

— Demorei muito?

— Não, mas faça esse café depressa.

— Não apressa que é pior ... eu já não estou muito calma hoje e esse fulano aí a me amolar com suas pressas.

— Sim é minha especialidade "fazer café." Não me demoro. "Que é que ele pensa que eu sou ... mula de carga? Davagar meu filho ... Quantos anos ele terá? Deve ser velhusco já. Este pô está tão velho que nem dá cor. Ora também, onde pus a colher? O açúcar está tão escasso que não sei se dará para duas chicanas ... Os guris hoje vão ter que dar um jeito ... que coisas mais avessas a gente faz por dinheiro.

— O senhor quer mais alguma coisa? posso

ser-lhe útil em algo? Essas frases já não era o que ela estava pensando ... parece que vai vomitar, será o café? eh! tenho que dar um jeito que esse peste não vomite aqui, também que idéia a minha trazê-lo para cá ... Vou passar-lhe um pano úmido pela testa, talvez melhore.

— Será que passando um pano úmido na testa o senhor melhora?

— Experimente, talvez.

— Aquela camisa do guri talvez sirva para isso. Vou buscar água ... não gosto de tratar doentes."

— Pronto posso passar-lhe?

— Oh! como está suando ... deve ter sido ... a"

— Não segure minha mão eu sei como devo fazer ...

— Nem me obedece está segurando meu braço ... tenho trinta e nove anos e pareço uma rapariga querendo livrar-se do amante ...

— Solte-me, senhor. "Que sensação horrível, ele é muito magro, feio e barbudo."

— Não me toque. "Que horror se os guris entram ...

— Espere então ... deixe que eu fecho a porta ... os guris ...

— Se eu enquanto vou até a porta conseguir sair ...

— Volte, Alda!

— Não me apresse, tenha calma.

— Como me puxa esse fulano, a água está chiando na chaleira se desse de ir tirá-la. Estou louca de raiva isto não me acontece quasi nunca, o sapato dele está furado. Que cheiro insuportável de roupa suja ele tem, será que nunca toma banho? Parece um rapaz ...

— Solte-me! Quem voce pensa que eu sou?

— Cale-se e fique quieta. Venha cá!

— Não me aborrega ... tenho mais o que fazer do que estar" aí ... com voce."

— Bem se é assim tenho que ir.

Se ele for perco o dinheiro mas ele é tão feio, tão magro e tão barbudo ...

— Vá então. Eu convidei para tomar um café e o senhor levou o assunto para outro caminho ... Vá e o diabo que o carregue! "Que idiota parece que nunca viu mulher ... não faz mal se não arranjo dinheiro com ele arranjo outro e se meu marido não vem me dar dinheiro pouco importa, aí sim muitos me darão, eu não sou tão velha assim ... estas cortinas estão muito gastas ... lá vai ele embora ... que noite escura ... esse nevoeiro é tão triste ... Tudo é tão duvidoso ... onde irá esse homem?"

Julho de 1949.

LÍVIA

Continuação da página 12

ligeiro. Parou para arrumar o laço do sapato. Cabelo despenteado. Passava ao lado da vitrine da padaria, meteu a mão no bolso e sentiu a corrente. Lívia me deu de lembrança. Passou a brincar com ela, enrolando e desenrolando no dedo indicador. Não, vou dobrar aqui, é mais perto. Tentou tirar com a unha um pedaço de pão do doente. Não tirou. Um auto projetou tres sombras no muro. Quis saber qual era a dele. Levantou o braço esquerdo. Era a segunda. Ainda não são onze horas, o motor ainda está trabalhando. Hoje é quarta feira?

Conclui na página seguinte

Crônica de Poesia

Antônio Paladino

1

"Praia Oculta" de Domingos Carvalho da Silva

No meio dessa onda de mediocridades poéticas que nos vêm embalando ultimamente, é sempre salutar ao espírito ler assim, de vez em quando, um bom livro de poesias que surge. Tivemos há pouco um desses contatos salutares com o livro "Praia Oculta" do Sr. Domingos Carvalho da Silva. Sem aumentar, nem diminuir, entretanto, o mérito do autor, o livro traz em si elementos de grande valor poético. O que não passa despercebido porém, apesar da boa distribuição dos poemas, distribuição atilada pode-se dizer, é um certo desnivelamento na qualidade dos mesmos.

Nem todos estão num mesmo plano. Há altos, mas também há alguns baixos.

Destacamos entre os grandes poemas do livro, o da página 17: "Helena Canta". É uma bela página de poesia. A delicadeza e penetração das imagens, a idéia do tempo que surge e desaparece para culminar na última estrofe e os apuros da técnica, elevam o poema a uma certa transcendência poética que causa espanto, mesmo. Belo começo tem o poema:

"Helena canta ao piano

"mas em sua voz as palavras não afloram.

"Por que as palavras se extinguem

"na sua boca de sombra.

Afora este, ainda poderíamos citar outros que nos agradaram muito.

As vezes, entretanto, o que nos desencanta um pouco em "Praia Oculta" é um certo verbalismo, um certo desperdício de palavras que desfavorecem um pouco o valor de alguns poemas. Estes versos por exemplo:

"Amadíssima Cirene,

"filha de trevas ocultas.

"Rainha de estrelas novas

"aroma de flores distantes

"sonho de noites edênicas

"O pura,

"O puríssima gaivota

"deslisa sobre o mar como um desejo

Mas, por estranho que pareça, em contraposição a esse verbalismo, também encontramos no livro, poemas que primam por uma simplicidade, um natural poder de síntese, bastante raro. O poema "Lirismo" da página 58 é um belo exemplo.

Uma das características das poesias do Sr. Carvalho da Silva e que gostaríamos de apontar aqui, é, como se pode notar, um certo sabor oriental que elas têm. Daí o segredo da sua delicadeza, a magia das suas imagens. Há nele, mesmo, certo gosto por aquele romantismo tão peculiar às poesias orientais.

"Amada, não me esqueças

"a hora do crepúsculo.

"Abre teu coração

"amigo como um túmulo.

Lendo as poesias do Sr. Carvalho da Silva, tem-se a impressão de estar sendo assim, possuídos por uma certa ebbriedade entorpecedora por uma certa sensibilidade clarividente. Somos levados como que por uma corrente de imagens fascinantes, presas de uma musicalidade acariciadora e envolvente. Com o poeta quasi sentimos que vamos penetrando num mundo novo, num mundo exótico de "lirios, desejos e goivos". Lendo o "Pequeno poema" da página 48 chega-se quasi a pensar

"Naquele tempo distante

"Que as sombras já sepultavam

"— quando eu te chamava: noival

"e respondias: amado!

É indizível que com "Praia Oculta", o Sr. Carvalho da Silva arejou um pouco—embora por pouco tempo—nosso ambiente poético.

Trouxe um novo alento, uma nova satisfação a nós pobres citados, que raramente encontramos um bom poeta entre a prolixidade dos novos.

Continúa na página 20

ah, não, terça. Vem um sujeito na minha direção. É melhor eu dobrar e ir pela outra calçada, estão atacando gente na rua. Se ele vier em cima de mim, entro nesse portão e bato na porta da casa. Quem é? uma voz de mulher quarentona, cabelos presos, bocejando e me passando uma descompustura. Com um revólver na mão, não tinha medo de homem nenhum. Chutou uma pedra. É o guarda noturno. Apitou agora. Tuiuuuu. Estava cansado. Meteu a chave do quarto para abrir a porta da sala. Se lembrou que já estava aberta. Um, dois, tres, quatro, cinco, seis, sete, já estou no meu quarto, antes vou no banheiro passar água na cara. No escuro, imagino um negócio bem grande batendo em mim (o armário preto). Não acordei ninguém, aqui é o botão da luz. Abriu a torneira e aparou com as mãos abertas em concha. Boiavam na superfície bolhas de ar mexendo-se até esborracharem-se de encontro as mãos. Tá frio. Encostou o rosto na água e soltou todo o ar pela boca. O chinelo ficou molhado entre os dedos. Quando eu era menor tomava banho nesta pia. Enxugou-se com a toalha e ia sair pela outra porta, já estou

melhor pensei. Ora drogas não era a toalha aquilo, uma camisola. Pôs no prego e se lembrou. Livia também usa dessas camisolas rendadas. Na noite daquele porre sonhou que estava sendo sufocada. Acordou com a minha perna no peito. Amanhã tenho que me acordar as sete e meia. Onde é que pus a chave do quarto? Está aqui. Não acertou o buraco, bateu contra a madeira. Será que ela se acordou? Salto de borracha não faz tanto barulho na madeira. Já sabia que ia me esquecer, clorofórmio, amônia, também não; ah, sim, amoníaco. Esta é última vez. Não bebo nunca mais, fico bebado até perder o controle e ficar estirado em cima de um banco. Tirou a roupa. Levantou o travesseiro mas o pijama não estava lá, vou dormir sem pijama mesmo. Roçou uma perna na outra. Será que fechei a porta da sala? Fechei sim. Vinha depois uma porção de imagens todas ao mesmo tempo: Um homem de bengala, uma palavra desconexa. Já sabia: era antes de pegar no sono. Apagou a luz e bateu com o pé na parede. Doe.

LX de 49

A Palestra do Escultor Bruno Giorgi

N. da R. — Convidado pelo Circulo de Arte Moderna, realizou o escultor Bruno Giorgi, em Florianópolis, uma palestra sobre a Arte Contemporânea. Terminada a palestra, foram debatidos em mesa redonda em que tomaram parte, Bruno Giorgi, nós do C. A. M. e alguns das pessoas presentes, diversos problemas da Arte Moderna e dos seus artistas. Abaixo publicamos o resumo do que disse Bruno Giorgi na sua palestra.

O erro mais frequente e que confunde toda discussão sobre arte, consiste na indevida aplicação dos termos. É corriqueiro, por exemplo, o uso da palavra *clássico* em oposição a palavra *moderno*. Se assim fôsse, teríamos que aceitar a dupla Oswaldo Teixeira-Giotto como modelo de performance clássica, e teríamos de nos conformar com a idéia de que a pintura de Matisse opõe-se à pintura da Catalunha do XI e XII século, e a escultura de Lauren à estatuária arcaica, e a moderna arquitetura do Ministério da Educação aos «palazzi» da Renascença. *Clássico*, é o momento mais alto e mais simples da atividade espiritual humana; incisivo, claro, adverso ao movimento que decompõe as linhas de uma majestade rígida e eterna. Em oposição, temos o *Romântico*, mais individualista, rebuscado, amante da linha curva, grandiloquente, «gra id-seigneur». Mas o elemento que mais confunde o leigo é o *acadêmico*, que nada tem a ver com os outro dois, aliás, nada tem que ver com coisa nenhuma. *Acadêmico* é a lição aprendida de cór, é o que ficou de grotesco no rosto de um cadáver apodrecido. *Acadêmico* não é a decadência de uma época, mas apenas de uma escola. Este é o termo que se deve empregar em oposição a *moderno* e, *romântico* em oposição a *clássico*.

Uma civilização se exprime com meios de representação originais, sendo que os mais motivos e ricos de conteúdo pertencem às primitivas «épocas nuas». Quando o poeta pinta as estátuas, e uma crença comum, realiza o milagre de Tesse.

Forma e conteúdo mudam no curso da história, mas todos eles são visivelmente unidos por um imponderável elemento que marca como um fio vermelho os pontos mais altos da parábola traçada. A escultura arcaica até o V° século, A. C. a Etrusca até o XIV século, A. C. a Gótica até IV século, os primitivos italianos marcam o Zenith de Classicismo.

Mas, cada ciclo é nitidamente distinto um do outro. Um torso arcaico obedece às leis rígidas da pedra que melhor exprime o conteúdo moral daquelas comunidades povoadas de deuses. O corpo humano é fixado no granito numa síntese prodigiosa, nada é supérfluo e a luz joga livremente em superfícies planas e amplas como o espírito da criação suspenso nos desertos lisos da matéria—o movimento se cristaliza numa geometria rígida e o ritmo marca um tempo heróico: a pedra se transforma em teoria e sozinho já pode contar aos milênios do porvir a história do seu povo.

A escultura gótica é a imagem petrificada do cristianismo. Tudo ali sugere a idéia da paixão e da dor. Os traços fisionômicos sofrem, à diferença dos gregos, uma deformação violenta. Mas tudo é justificado pela ordem que o artista deu às leis da matéria. Uma estátua gótica, é o que há de mais dramático na história da arte, e no entanto, com-

parada ao Apolo de Veio ou a uma Athena do VI° século A. C., vê-se claramente como é a eles igualada por uma nota intrínseca e perfeitamente harmônica.

Giotto, Cimabue e os primitivos venezianos pintam o inferno e o paraíso, a vida dos santos, o bom e o mau governo da cidade.—Eles também acreditam no milagre da Fé, persiguam-se antes de começar a obra e Nossa Senhora posa serena nas alucinações daquelas crianças. Nunca eles vão além dos limites impostos pela economia da criação. Nenhum movimento deturpa o ritmo da composição e mais uma vez o mito se realiza num ambiente humano onde o espírito criador contempla a própria essência para dar vida à obra mais perfeita que já enriqueceu uma civilização. Esta belíssima escola marca o ponto mais denso de conteúdo no ciclo renascentista—o que vem depois espanta pelo tamanho dos artífices, pela multiplicidade da obra, pelo encantamento da matéria. O gênio se afirma e destrói. Miguel Angelo com seu martelo de gigante desfere os primeiros golpes mortaes nos alícerces do templo clássico e a era romântica do espírito envolve os povos já em luta pela afirmação, individualista e a unidade nacional—400 anos de glórias e de baixesas, de heroísmos e compromissos enfim—, de tudo o que é típico ao homem na sua solidão, conduzem o espírito da criação à cidade das idéias mortas: A academia.

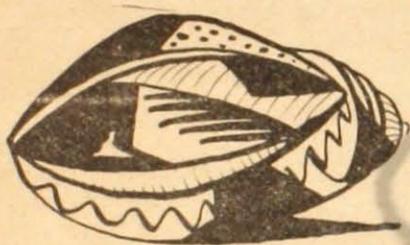
Elie Faure apelida de heróis os artistas cuja obra se revolta contra o meio-ambiente e obriga o gosto a novos rumos. Lionello Venturi os define de primitivos. El Greco, Van Gogh, Cézanne, Matisse, Kandinski, Maillol, Boccioni, eis os heroes da nossa época. O espírito clássico deturpado e aviltado nos assombrados corredores da academia ressurgiu e luta desta vez como nunca lhe foi dado pois os inimigos são poderosos e irredutíveis insensibilizados pela dupla couraça da suficiência teimosa e da intolerante ignorância. Não esqueçamos que nem Cézanne nem Van Gogh conseguiram aceitação nos salões oficiais, que Renoir só foi tolerado porque pintou o retrato de uma célebre bailarina da época e que Sisley morreu na mais dura miséria. É uma luta épica contra um mundo satisfeito e mesquinho, avesso à verdade, cuja filosofia moral é o dinheiro e cuja teoria estética é a fotografia. O academismo corruptor, que como diz Marinain «Transforma a vida moral em um cemitério de mentiras, acaba embaindo a consciência e fazendo de cada ato uma hipocrisia».

Mas a afirmação da verdade é um ato volitivo sustentado pela crença. Eles, os pioneiros do modernismo, acreditavam e realizaram o milagre. Eis o impressionismo que no entusiasmo da polemica e da descoberta se desdobra em várias correntes para por uma nova ordem no caos do mundo objetivo. A natureza, como diz o filósofo Croce, «é estúpida em frente à Arte» o artista heroe a submete à uma crítica rigorosa, suprime o supérfluo e às vezes a decompõe para reconstruí-la de novo de acordo com a realidade deste mundo de Deus, de revoluções e de átomos. O impressionismo, o fauvismo, o cubismo, o surrealismo, o dadaísmo, o abstracionismo, são tantas fases desta atividade livre e agressiva. A deformação acentua a ordem

Conclui na página seguinte

e o equilíbrio; a síntese é realizada através do mais rigoroso controle e as capacidades técnicas igualam em perfeição clássica as de um Memling ou de um Botticelli. Muitos coveiros profissionais já vão anunciando a morte destes perigosos denunciadores de mediocridades. Para o cubismo já rezaram a missa de sétimo dia e Picasso tornou-se o apologista da corrupção burguesa e Gargantua triunfa com Pantalone. Mas a obra do cubismo é um dos mais vigorosos depoimentos do gênio criador. O cubismo recusou a contemplação, foi exclusivamente inteligente, fazedor de novas formas deu uma ordem puramente geométrica aos mundos por ele criados. Não se realizou plenamente, mas graças à sua economia racionalista, a sua contribuição de novos elementos construtivos na interpretação formal do mundo sensível, é que foi possível levantar o nível da arte contemporânea ao nível das primitivas épocas nuas. O Fauvismo redescobre a cor pura, elimina definitivamente o truque da perspectiva e do claro-escuro numa difícil harmonia de composição total. O Dadaísmo chega ao paradoxo de por o mundo ao acaso e o Surrealismo desperta o mundo do subconsciente e do sonho numa fuga dramática de tempos e de silêncios.

Por fim, misterioso e hermético, rico de germes novos, exclusivamente intelectual, sem meta definida, negando e afirmando surge o abstracionismo. A essa aparição ninguém rí como ninguém riu lá pelos fins do primeiro milênio cristão.



Crônica de Poesia

Continuação da página 18

2

“Angulo e Face” de André Carneiro

Nova revelação nos vem de S. Paulo. Desta vez é o senhor André Carneiro, jovem poeta de Atibaia, que nos é apresentado, assim como o Senhor Ciro Pimentel já havia sido antes, pelo “Clube de Poesia de S. Paulo”. É inegável, por aí se vê, o cuidado, o bom gosto e o carinho mesmo que este Clube tem no selecionar os poetas (novíssimos) para seus cadernos de poesia.

O livro do Sr. André Carneiro, “Angulo e Face”, é desses livros de poesia que a um primeiro contato nos deixam como que confusos. Ficamos com medo de fazer um julgamento mais apressado, de praticarmos um injustiça inconsciente contra o autor, ou então, de tecer-lhe elogios que poderiam ser imerecidos. Só depois de termos o raciocínio mais frio, mais em ordem, depois de estarmos novamente de posse de nós mesmo é que nos dispomos, então a julgar a poesia do novo poeta.

No Sr. André Carneiro, o que nos salta em primeiro lugar é o indiscutível poder de síntese que ele possui. Nele, as palavras são de um valor essencial. No corpo

dos poemas ganham como que uma nova força, uma nova impetuosidade que nos deixam contundidos pelas idéias estranhas que surgirem.

“Dois pássaros tímidos
teus olhos voaram
Esta é uma canção sózinha
feito de inutil espera”

Entretanto como todo poeta novo, o Sr. André Carneiro, ainda não está isento de certas influências. Acertamos porém, que logo assim que alcance um maior amadurecimento, ele se liberte dela. Ainda mais que seus poemas já revelam um certo cunho característico e uma flagrante personalidade poética. Seu poema “O Hospital”, por exemplo, é uma pequena obra prima. Extraordinário neste poema é ainda o vulgar poder de síntese que ele revela. Não fôsse a falta de espaço, seríamos capazes de transcrevê-lo inteiro. Entretanto, nos satisfazemos com estas estrofes:

“Trinta e três
Respire
O médico é um arcanjo,
O teto tem sete tabuas
mil gotas
na torn ira
Lá fora
o necrotério
entre eucaliptos”

Outro poema que também nos despertou muito a atenção foi o da página 24: “Crisalida do desencanto”. Distingue-se nele, uma certa delicadeza, uma rara sensibilidade que nos deixa assim quasi enlanguescidos. O poema “Colégio” também, talvez devido a nova visão do assunto tratado, talvez devido ao forte poder de sugestão que ele encerra, a verdade é que nos sentimos como que diante de um grande poema. Não fôsse um certo acento drumondiano que aparece aqui e ali, quase seríamos capazes de classificá-lo entre os grandes poemas modernos do Brasil.

“Odor de couro
em velhas carteiras
O professor é um mito
gerado em bibliotecas”

Não reatamos pois aplausos ao “Clube de Poesia de São Paulo” que já nos deu um Ciro Pimentel e agora nos dá André Carneiro que é sem dúvida mais um indiscutível valor novíssimo que se sobrepõe a essa pa-maceira que anda por aí fora.

Elegia a um poema morto — Reynaldo Bairão

É também de S. Paulo que nos chega agora “Elegia a um poeta morto” do sr. Reynaldo Bairão. Embora o autor não seja um estrepante, seu livro contudo, sempre nos causou a impressão de uma estréia — uma estréia feliz, aliás — talvez porque era a primeira vez que entrávamos em contato com êle ou talvez — quem sabe lá? — por causa de um certo primarismo de idéias, de imagens, que lá uma vez ou outra se sente aqui ou ali.

Em “Elegia a um poeta morto”, o poeta se entrega todo a uma superexcitação poética bastante comunicativa, acompanhada assim, de estados melancólicos, de frustrações e angústias. Deixa-se empolgar pela idéia da morte; o poeta vive desajando a morte, mesmo, como se ela fosse a única esperança de realização que houvesse. Nele há expressões como estas: “Não é a vida o que eu desejo”, “No

caminho eu morro", "sou morte irreal". Entretanto, no poema da página 31, êle canta assim:

"(a morte razão
jamais eu não quis)"

Porque a morte que êle deseja, mesmo, é outra diferente. Uma morte como essa que êle explica nestes versos:

"Desejo a noite impalpavel
Que me trará acordado em mim..."

Mas, embora essa poesia quasi que desesperada do poeta nos tenha impressionado profundamente — poesia sob muitos aspectos elogiavel, confessamos — nós não poderíamos deixar de anotar aqui, que o sr. Reynaldo Bairão ainda não alcançou aquela precisão quasi matemática da frase; ainda não possui aquela consciência atilada das palavras justas, medidas e insubstituíveis. Em "Elegia a um poeta morto" encontramos poemas inconsistentes, de construção frouxa, um tanto indecisa. Em alguns dêles existe, mesmo, um ou outro verso quasi que solto, de fragil ligação com os demais. Poderiam até ser deslocados daqui para ali ou substituídos por outros diferentes, então, sem que por isso houvesse alguma alteração grave na sua estrutura. No poema da página 30, o verso "estou sem vestido" por exemplo, poderia ser substituído por outro mais espontâneo e mais poético, até.

Abrindo o livro na página 18, nós lemos estes versos:

"Não causei mais dano
aos homens vivos
desprezo meu pano
recanto meus mortos."

Aqui é facil de notar também, que as palavras "pano" e "recanto" não gosam de muita espontaneidade. Parece-nos que foram encaixadas a força no corpo do poema. O poeta ainda carece de alguma agilidade no jogo da rima e da métrica. A palavra pano por exemplo, dá-nos a impressão de haver sido colocada ali, simplesmente para rimar com dano. E a outra, "recanto", apenas para satisfazer a

métrica. Ainda mais que o verbo recantar não é de uso frequente entre nós. Já por isso, empregá-lo aqui, nunca seria de muito bom gosto, mesmo, pois logo, experimentamos uma leve confusão com o substantivo recanto de mais uso entre nós e que nos insinua a idéia de um lugar oculto, um sítio retirado, etc. E é pena, porque o pensamento de quem lê a elegia quando chega neste ponto sofre um desvio brusco, embora rápido, mas que é suficiente para quebrar a comunicabilidade e diminuir a intensidade do poema. Tentamos, então, uma releitura, mas é tarde; nossa sensibilidade já não está tão desprendida quanto antes.

Entretanto, para satisfação nossa, nós sempre esquecemos tudo isto quando abrimos o livro e damos de olho em versos como esses da página 11:

"Não importa que você não faça a-
[gora
aquilo que queria fazer.
Que você esteja amarrado às flores
que um dia entre nós, vão nascer.
Não importa que o irremediavel nos
insinue bofetadas que jamais dará.
Você agora é terra e cal, é consis-
[tência."

Outro ponto que nos desagrade um pouco no livro do sr. Reynaldo Bairão é ver que o poeta abusa de vez em quando de um certo jogo de palavras, que se aproveita lá uma vez ou outra de truques, de tiradas de efeito que só vêm abater o valor da sua poesia. No poema da página 17, aquele verso "Oh! vida não vida" é uma antítese de um certo mau gosto. No da página 41, aquele "Inerte balanças o corpo..." não nos agrada também. E assim, mais alguns outros.

O que nos agrada no sr. Reynaldo Bairão, entretanto, é quando sentimos que o poeta está todo entregue àquela superexcitação poética de que já falamos antes; quando êle como que se desumanisa um pouco e se perde então nesse mundo impressionante da sua poesia; tão cheio de desassossego e desencanto, tão carregado dessa "angústia da hora presente..."

Paschoal Carlos Magno e os Novos de Santa Catarina

Conclusão da página 13

o congresso, em Abril, teremos em Fpolis, o Teatro do Estudante do Rio que excursionará por todo o Brasil. Além de Shakespeare, Molière, Goldoni, Schiller, etc. ele trará seu teatro de bonecos e tres peças infantis. Uma das peças será possivelmente "Piecchio" de Ody Fraga e Silva. Além disto professores de teatro que darão nas cidades visitadas, pequenos cursos de direcção, interpretação, cenário, etc. Paschoal montando a peça do Ody, está fazendo o que nos aconselhou. Molar as peças dos novos autores teatrais, risco que as companhias profissionais não podem correr. Assim estaremos possibilitando o aparecimento do Teatro Nacional.

Embora tenhamos atores e di-

retores, só teremos teatro quando se fizerem autores, pois são os que permanecem atravez dos tempos.

O ambiente teatral brasileiro - como aliás tudo o mais sob o ponto de vista artistico - continua se renovando, está se renovando e grande parte disto, no teatro, cabe a Paschoal Carlos Magno e ao Teatro do Estudante, iniciadores do mo-

POEMA MARITIMO

Conclusão da página 27

Ser impassível por uma noite que seja.
Detestar os que vêm sem olhos de completa agonia.
Não ser soldado, padre, comerciante, poeta ou prostituta,
não ser Deus, criança, louco ou, simplesmente, pederasta, —
é preciso que sejamos agora, profundamente, impassíveis,
por uma noite que seja, impassíveis,
até que os prédios sejam derrubados outra vez!...

Outubro de 49.

(São Paulo)

vimento que resultou hoje em dia em tantos Teatros Experimentais em várias cidades do Brasil. E para nós todos serve de exemplo o trabalho desinteressado de Paschoal Carlos Magno. A êle eu gostaria de atribuir palavras de Luiza Barreto Leite sobre Cavalcanti. E' dos "homens que servem à Arte, mas não esperar jamais que a Arte sirva aos homens."

"LA GUERRA DE LOS DIOS"

Matilde D'Espaux

No cabe duda de que en el Uruguay, existe una crisis de autores, dentro del género novelístico. Nadie ha venido a ocupar los sitios dejados, por los extraordinarios autores desaparecidos que fueron Carlos Reyles y Horacio Quiroga. No por esto han dejado de destacarse gente con auténticas condiciones y suficiente talento de cuentistas e prosistas.

Creo que los uruguayos poseen el defecto, (si así puede llamarse) de la poesía. El que nace con condiciones intelectuales es seguro que será poeta. Es una tendencia que persiste de años atrás. El hombre o la mujer que poseen una inquietud, encuentran una sola manera de manifestarla, que es versificando. Algunos veces incursionan en la novela o el cuento, pero, sin mayor insistencia y sin que les acompañe el éxito. También han habido unos pocos intentos teatrales, que no han estado a la altura de las obras poéticas de los autores. Esto se ha visto no hace mucho. Paulina Medeiros excelente poetisa, no ha logrado destacarse, ni como novelista, ni como autora teatral. Existe una cuestión clara, es evidente que hay algo que decir, algo profundo que sube a la superficie y encauza todas las inspiraciones por las mismas sendas. No hay ninguna duda posible, se puede afirmar, a pesar de todo, a pesar de los pocos prosistas, cuentistas y novelistas, la intelectualidad del Uruguay es brillante, es un motivo de orgullo del que nadie nos podrá despojar.

Hay distintos temperamentos, caracteres, sentimientos e ideas; pero la manera de manifestar todo eso es la misma, o sea el verso, claro está que dentro de él cada poeta impone su personalidad o estilo. Algunos poetas no han salido del anonimato, quizás e ellos mismos se desvían de lo que deberían ser sus verdaderas manifestaciones. Es de esperar una reacción, que se va vislumbrando en forma esporádica. Tenemos ya la "GUERRA DE LOS DIOS" de Hyalmar Blixen.

Blixen no ha surgido de ese conglomerado de poetas. Él ha sabido desde muy temprano tomar su camino. Apenas salido de la adolescencia publicó "LOS IPORAS". Libro este con algunos defectos, frutos de la inexperiencia, pero con un estilo y una seguridad de lo que se quiere decir asombrosos.

Vino luego, hace muy poco, "LA GUERRA DE LOS DIOS". Es una revelación, ya el autor se manifiesta, no machacando en lo viejo, sino creando. Estilo, tema, argumento y color, todo es nuevo, elevado, puro, es América fuerte, es América voz y alma. Este libro recién amanecido, no vino sobre caminos trillados, es único. Nadie hasta ahora ha rozado un tema tan de nuestras tierras. Desentrañado de los siglos donde estaba dormido, se levanta con olor e selva y frescura de ríos. Distinto a todos vive un lenguaje propio.

"LA GUERRA DE LOS DIOS" es una exaltación lírica a esos pueblos guerreros y rebeldes, de fantástica imaginación, que ambularon por nuestro continente, dejándonos bellísimas leyendas como herencia, que aún nosotros no hemos sabido valorar. Blixen ha encontrado en esto, material suficiente para sus inspiraciones.

Es un motivo elevado, completo en expresiones, lírico, ya que solo así puede ser el lenguaje de los dioses de los indios en el país del Ivaga, reunidos con fines de interés espiritual.

Pronto se le dará a este libro el valor que merece, el Ministerio de Instrucción Pública del Uruguay lo ha premiado, y la intelectualidad lo ha aplaudido sin retaceos.

Dada la capacidad cultural de Hyalmar Blixen es de esperar grandes obras, que obtendrán el triunfo que ya merece el autor.

Blixen es Professor de literatura y se dedica con entusiasmo al estudio de todo lo indo-americano, en lo que es muy versado.

Verdaderamente son sorprendentes sus conocimientos sobre asuntos indígenas.

"LA GUERRA DE LOS DIOS" es un digno libro de un escritor que honra las letras del Uruguay.

UM LIVRO URUGUAYO

O movimento de renovação artística, de procura de forma própria e original de expressão não é, como poderão pensar os mais afoitos e de julgamento apressado, uma coisa única do Brasil. Não! É uma lei do mundo. Que se realiza em toda parte, sempre; é que às mais das vezes as pessoas não querem ver. Nem procuram compreender as razões de tal fato e o que o condiciona.

Muito maior é o vulto de tal fator nos países novos cuja subserviência aos países de grande formação cultural e passado histórico e literário se faz notar em enorme escala. Mais especialmente a influência da Europa para com a América. Tudo que se fez — ou quase tudo — se deve e é guiado pela Europa.

Vem agora — está surgindo agora — o desejo de liberdade total, a procura de si próprio, um rumo original, novo o mais possível. E este movimento se nota em todos os países da América. Essa ansia incógnita de também poder dizer algo sem que se lhe grite: "fulano ou sicrano, em tal ou qual época, na Europa, já disse isto desta mesma forma". O que notamos então é a busca constante e até às vezes desnorteadora porém sempre útil para a libertação.

Ainda agora nos chega do Uruguay um livro muito interessante e de grande valor pelo que traz de contribuição. Para dar uma pequena idéia do mesmo, transcrevemos este trecho do prólogo, onde o A. procura se definir e situar:

"De qué manera puede entonces no imitarse lo europeo? Uno de los tantos modos consiste en abstenerse (y eso es lo que busqué aquí), de adoptar las escuelas literarias del Viejo Continente creó. Es decir: no ser ni clásico, ni romántico, ni parvasiano, ni realista, ni natu'erista, ni decadente, ni copiar ninguna de las expresiones literarias actuales que están allá en boga. Todas esas escuelas obedieron y obedecen a fenómenos sociales políticos, artísticos, etc., puramente locales, puramente europeos. Fueron y son el producto de pueblos, medios ambientes y momentos históricos que no son los nuestros. A que imitarlos, entonces?"

Mas não falaremos sobre o livro. Daremos a palavra à poetisa uruguaya Matilde D'Espaux que escreveu um interessante artigo a respeito de "La Guerra de los Dioses", (Leyendas de la América precolombiana), por Hyalmar Blixen.

Nossos leitores entrarão em contacto de agora em diante através das páginas da Revista "SUL" e Página Literária do CAM no jornal "O Estado", com as colaborações em prosa e verso da conhecida intelectual uruguaya. Seu presente trabalho sobre o livro de Hyalmar Blixen é de sumo interesse, tendo ela captado muito bem o sentido da obra, analisando-o, fazendo um rápido porém preciso estudo da obra.

E assim o CAM continua sua campanha não só de divulgação cultural e artística como também de contacto e conhecimento dos novos escritores dos países americanos.

S. M.

Croisset e o Teatro Brasileiro

Escreve ALDO CALVET
(Crítico Teatral da "Folha Carioca, Rio")

Francis Croisset dissera certa vez que o teatro brasileiro era estupendo, maravilhoso de alta classe, de primeira ordem o melhor do mundo, tudo isso porque quando por aqui aportavam as companhias francesas davam estas grandes espetáculos. Que pena que Croisset não pudesse ter visto as récitas das companhias MARIE BELL e HENRY ROLLAND — JULIEN BERTHEAU.

Evidentemente não se pôde falar, em bom senso, da existência de um teatro brasileiro. O intérprete genial que seja, não constitui elemento básico. Precisamos sobretudo de peças, de textos com o nosso feitio nacional, versando sobre os nossos problemas, apontando os vícios ou as virtudes da nossa sociedade, do homem e seus sentimentos segundo o nosso clima, dentro do nosso ambiente político, econômico social etnográfico, religioso.

Os temas aí estão.

Não faltam paixões. As lutas ideológicas que são as lutas que apaixonam o homem na sua eterna ânsia de liberdade, de conquista, de renovação, de experimentar novas sensações, de sentir novos afetos nesse jogo de aventuras sucessivas que culminam sempre com o progresso, com a grandeza da humanidade, da civilização, nem essa conseguem dos nossos dramaturgos, a mais leve tentativa de curiosidade ou idealismo partidário.

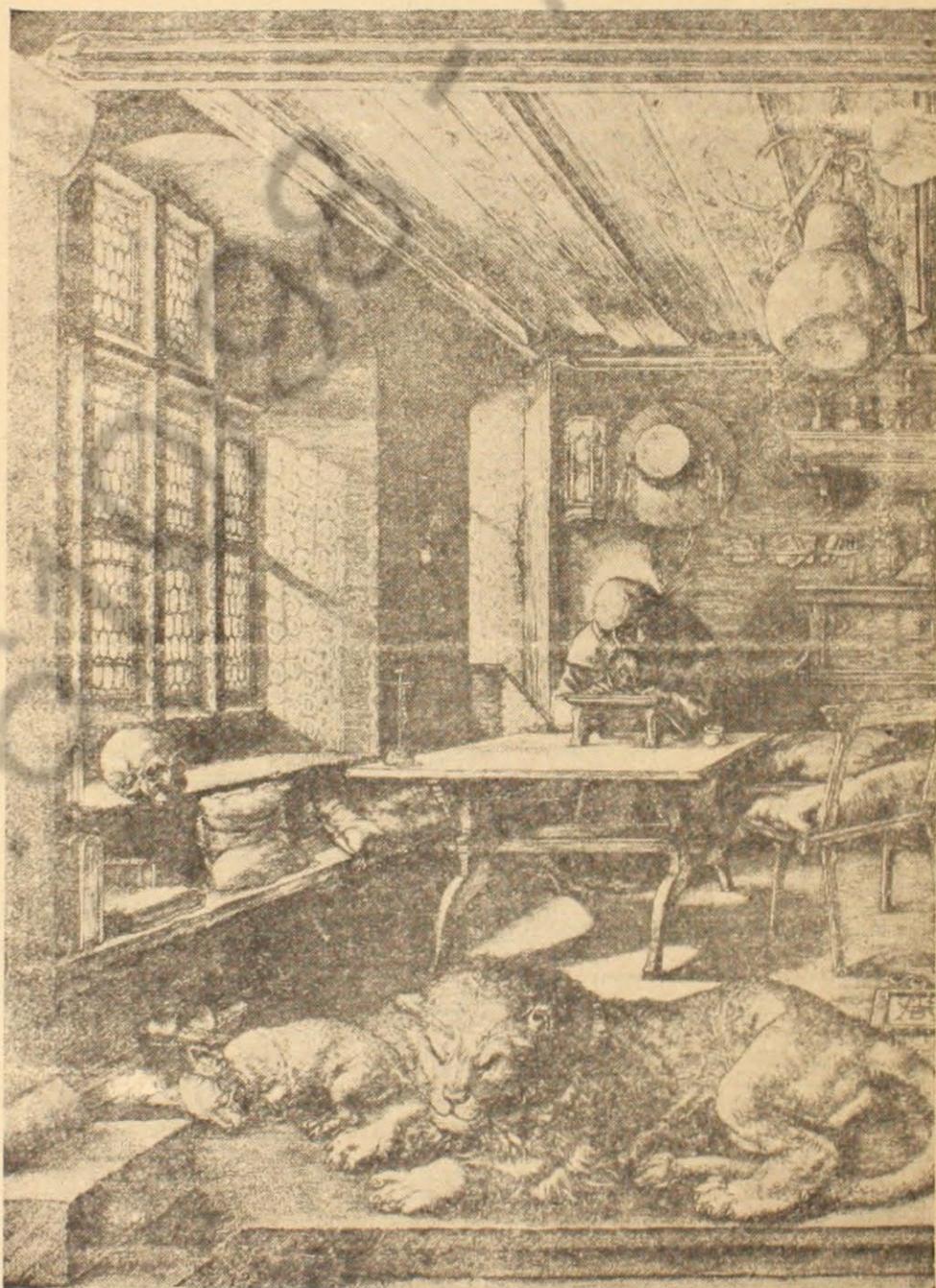
A imitação de certa camada de dramaturgos franceses, cujas peças repetem os mesmos temas quase sempre girando em torno do adultério, quando não buscando insignificantes distúrbios domésticos, briguinhas entre marido e mulher, amigos falsos e amantes atrevidas, divórcios e conciliações vergonhosas e humilhantes e outras questões banais, os teatrólogos patricios, com raras exceções, vão buscar nessa fonte já sovada, enredo para seus trabalhos teatrais, descurando assim os problemas que nos agitam, muitos dos quais inéditos e repelem os de beleza poética e fácil de realização cênica á espera do autor dramático que os discute e aponta como meio de solução a definir. Não se fez ainda o teatro brasileiro porque só temos tratado de lisongear o público, dando-lhe uma expressão de arte que se subalterniza, que se rebaixa, que se avilta, que se humi-

lha, que se curva, que tudo cede, que a tudo se sujeita, que não se ergue, dominadora, inatingível, soberana, para impor a sublimidade de sua beleza, por meio da qual o ser se eleva e dignifica, vencendo os séculos nos tempos e vencendo a vida pela imortalidade.

Apáticos e indiferentes á riqueza das paisagens, dos mistérios dos nos os rios, dos diversos grupos e subgrupos étnicos do nosso imenso território tratamos, preguiçosamente, de fazer obra citadina de

uma pequena e ridícula burguesia sofisticada que frequenta os teatros por aciso, como quem passa displcentemente por um armazem qualquer, entra e compra uma mercadoria que não é de primeira necessidade.

Pois é a essa mesma burguesia que procuramos servir aviltando a arte, mercantilizando-a, vendendo-a como, quando e onde queiram. Não existe desgraçadamente, teatro brasileiro. Infelizmente... Croisset tinha razão.



Dois Anos de Atividades do C. A. M.

Archibaldo Cabral Neves

Fundado em Agosto de 1947, já em novembro do mesmo ano, dava o Círculo de Arte Moderna o seu primeiro espetáculo teatral, tornando assim uma realidade, os planos e os projetos de que se falavam nos primeiros artigos aparecidos nos jornais da Capital, onde se dizia das suas finalidades. O Teatro foi o primeiro passo dado para uma tentativa de renovação artística na província, não somente por ser um contacto mais direto com o público, e por conseguinte, o modo mais fácil de divulgar as novas idéias, mas, também, por ser a única fonte de renda possível, renda essa imprescindível para que os futuros empreendimentos do C. A. M. pudessem, também eles, ser uma realidade. Foram encenadas tres peças em um ato: "O Homem da Flor na Boca", de Pirandello; "Como ele Mentia ao Marido dela", de Shaw e "Um Homem Sem Paisagem" de Ody Fraga.

Acostumado ao teatro, por assim dizer, mastigado, a um teatro simples e sem consequências, onde nada restava após a representação da peça, estranhou o público aquele teatro diferente, ao qual não estava habituado. Acostumado com simples comédias que exploravam situações dúbias e altos dramalhões recebeu o público, com certa reserva, este espetáculo teatral. Houve, porém, algumas pessoas que viram com simpatia, ou pelo menos sem má vontade, o movimento de renovação que então se iniciava na esquiva província. Nasceu assim, em pleno ano de 1947, o primeiro movimento modernista de Florianópolis, o mesmo movimento que ha 26 (vinte e seis) anos atrás em pleno 1922, se processou em quase todo o Brasil.

O produto Peste primeiro espetáculo teatral, tornou possível o aparecimento da Revista "Sul", cujo primeiro número surgiu em Fevereiro de 1948. Logo apareceram, nos dois meses seguintes os n.ºs 2 e 3. As dificuldades entretanto, foram sempre uma realidade desde os primeiros empreendimentos do C. A. M., o movimento de 22 jamais havia chegado até Florianópolis e para poderemos ser modernos como lutamos então e, como lutamos ainda. Bem poucas foram as pessoas que viram neste movimento uma finalidade puramente restrita ao setor das artes, quiseram enquadrá-lo na política e em outras coisas, insistiam em tomar o todo por uma parte, usavam de má vontade e julgavam o movimento coletivamente (muitos ainda julgam). Apesar de todas as dificuldades, continuamos; algumas vozes isoladas nos faziam persistir. Conseguimos sobreviver a todos os prognósticos.

Em maio de 1948 é realizado o segundo espetáculo teatral. Foram então reprisadas as peças de Shaw e Pirandello e, pela primeira vez no Brasil, representado Sartre, numa adaptação para o palco do conto "As Estátuas Volantes". Este espetáculo do nosso ponto de vista artístico, foi um fracasso, nós o idealizamos e levamos a efeito em apenas duas semanas; lutávamos então com grandes dificuldades financeiras e precisávamos tirar o n.º 4 de "SUL" que já estava pronto para nos ser entregue. Este insucesso artístico só nos fez lutar com mais ardor, para mais tarde, com o êxito de Cándida; conseguirmos apagar esta falha.

Bancando sempre os trapezistas, conseguimos passar pelo numero 5 de "SUL". Já re-

cebávamos então, não apenas o apoio de meia dúzia de pessoas daqui, que procuravam não nos impedir nada, mas, também tínhamos a nós encorajar as opiniões e cartas que nos chegavam de outros estados e até países; o que nos insentivava e nos obrigava sempre a procurar melhorar e evoluir.

Chegou setembro e com ele as notícias de uma exposição de pintura contemporânea em Florianópolis. Marques Rebelo ao trazer até cá essa exposição (pode-se dizer, a única com quadros de valor artístico realmente grande que Florianópolis teve a oportunidade de ver, e que abrangia os nomes de alguns pintores mais representativos da pintura moderna), trouxe também uma experiência vivida e uma juventude de espírito sem esmorecimento, sempre a procura de realizações, vindo assim dar-nos um auxílio, a fim de que a província fosse menos província. Se muitos o jugaram "diferente" como assim nos julgam, houve quem o compreendesse e o auxiliasse. Voltou Marques Rebelo mais uma vez a Florianópolis e desta vez, para fundar aqui o Museu de Arte Moderna. Se este Museu ainda não preenche as finalidades a que se propôs, que a de divulgar e fazer compreender ao público a pintura contemporânea, por não ser do mais próprios o local em que se acha localizado, isto não será por muito tempo, pois, segundo sabemos, cedo poderá o Museu dispor de uma sala espaçosa onde ficarão, para os que quiseram apreciar e procuram sentir para entender a arte, alguns quadros da pintura contemporânea, bem como boas reproduções de quadros pertencentes a outros museus que formará a parte didática do Museu. **Conclui na página seguinte**

Mais assunto e um pulo para o Existencialismo. Vamos discutir, disse Renato Almeida, a filosofia do Existencialismo.

"É uma filosofia desoladora, de decadência e angústia. É terrivelmente pessimista e desoladora, acrescentou".

"O homem tem a mais ampla liberdade — a existência precede a essência — porém, no momento em que se decide, vem a angústia. Nós somos o que não somos; o trágico está no existir. É uma situação desesperada: uma situação de apodrecimento e angústia. O homem é o que não é, tendendo para o outro que o nega".

"O existencialismo de Sartre criou a relação

do homem com o nada criado dentro dele. Cortou todas as outras relações; nega a existência de Deus por princípio, enquanto que o existencialismo católico estabelece o paralelo entre a inteligência e a fé".

Já chegávamos ao fim. Renato Almeida sempre com os mesmos ideais, aqueles que o levaram a ser um dos mais vigorosos integrantes do grupo dos modernistas de 22, terminou dizendo-nos:

"Sejam muito do seu tempo; sejam modernos; mas não deixem, para ser modernistas, de ter uma excelente cultura".

"Lutem por isto. Há luta de grande resistência, coragem e às vezes de heroísmo!"

Com a fundação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis, começavam a surgir os primeiros, ainda que indiretamente. Uma força nova nos impelia para a frente.

Um ano de "SUL", e vão sempre surgindo novos colaboradores entre a gente de espírito jovem. Paralelamente ao desenvolvimento de "SUL", em Janeiro de 49, reestruturou-se o Teatro Experimental, que em Maio dá o seu primeiro espectáculo com a peça «CÂNDIDA» de G. B. Shaw, estando agora preparando dois outros espectáculos. Tem o TECAM outros projetos e, dentre eles, o de realizar um festival Renard com «O Prazer de Romper» e «Poil de Carotte», ambas traduzidas pelo des. Herclio Medeiros.

Desde Maio deste ano, vimos publicando, semanalmente, uma «Página Literária» no jornal «O Estado», onde divulga-

mos todas as notícias sobre o movimento dos novos, trabalhos curtos e pequenas notas sobre as publicações recebidas, tendo assim um contacto mais direto e mais amigável com o público que nos lê, informando-o sempre sobre o movimento de renovação que ora se efetua na arte e literatura do Brasil.

A 13 de Junho deste ano, após várias tentativas mais ou menos mal sucedidas, conseguimos realizar um velho sonho nosso, a fundação de um Clube de Cinema. Inaugurado com «O Idiota» filme francês baseado no romance de Dostoiewski, já passou o Clube para os seus assaciados filmes como Delito, A Pérola e O Tesouro da Sierra Madre. Ainda agora pretende o Clube de Cinema entrar em contacto com os grupos congêneres do país, com o Centro de Estudos Cinematográficos do Rio e o Museu de Arte Moderna de São Paulo, a fim de sa-

ber das possibilidades para trazer até cá, alguns clássicos do cinema, bem como outros filmes de cotação comercial fraca, mas de alto nível artístico e, que em condições normais jamais virão até Florianópolis. Se tivermos a compreensão e o apoio dos nossos sócios, com a cooperação dos distribuidores daqui e o auxílio, que certamente nos prestarão os Clubes de maiores possibilidades que o nosso, traremos até Florianópolis alguns dos expoentes da Sétima arte.

Temos, agora, de tornar uma realidade os nossos projetos e concretizar mais o que já fizemos. Continuaremos a trabalhar para poder criticar, aceitando as críticas sinceras para poder melhorar, evoluir e, assim jamais permanecer estacionar. Fale quem quiser não pararemos.

(Outubro, 10-1949)

Jóias, Relógios, Porcelanas, Cristais e Artigos finos para presentes

na

Relojoaria Royal

Rua Trajano 3

DR. ALDO ÁVILA DA LUZ

ADVOGADO

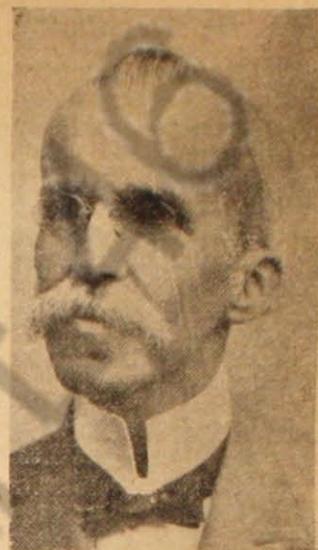
Rua Felipe Schmidt - 38

Florianópolis - Santa Catarina

Continuam as grandes vendas de vestidos, Tailleurs e Blusas de verão. Por preços de fim de estação.

Na A MODELAR

RUY e o Cooperativismo



Buscando dar as dimensões reais da estatura mental de Spinoza, asseverou Will Durant que tantos foram os cérebros impressionados por êle, porque seu pensamento se presta a muitas interpretações e dá mais de si a cada nova leitura. "Todos os pensamentos profundos, mostram facetas diversas conforme a diversidade dos espíritos". Se assim, é, se verdadeira é a afirmativa no que tange ao filósofo, o mesmo poderá ser dito com respeito ao grande bahiano, cujo centenário agora comemoramos.

Ruy, indiscutivelmente, foi um profundo pensador. E, sobre ser profundo, foi penetrante e multifário. Tão ampla e tão gigantesca é sua obra, tão polimorfo e tão descomunal foi seu talento, que, medí-los, interpretá-los, estimá-los, requer trabalho de equipe. Está acima das possibilidades de um só homem.

O exame da vida de Ruy, como homem de Estado, sob cada um dos aspectos da sua personalidade, — assinala João Mangabeira — exigiria uma série de trabalhos.

"Sòmente Ruy e a instrução primária, secundária e superior, Ruy e a liberdade política, Ruy e a democracia, Ruy e a diplomacia, Ruy, e a administração, Ruy e a construção do regime, Ruy e a federação, Ruy e o império, Ruy e a república, Ruy e as Classes Armadas, tudo isso e muito mais poderia formar um curso de Ruy, exclusivamente como estadista, completado por outro sobre o orador, o escritor, o educacionista, o filólogo e o jurista".

Dele podemos dizer, parafraseando o velho Hugo, ao se referir a Voltaire: Ruy caracteriza a inteligência e a cultura das Américas. Ou, se quizermos, aproveitando uma frase feliz: "A Itália teve a Renascença; a Alemanha a Reforma; o Brasil teve Ruy".

Não somos nós, portanto, simples mortal, que iremos analisar, aqui, esse Everest de saber. Nossa função é bem outra. Pretendemos, tão só, e dentro das nossas possibilidades, levantar um pouco o véu que se estende sobre um ângulo, talvez inédito, do homem que, no dizer de Lobato, é uma espécie de Império Britânico do vernáculo... Dêsse homem que, com uma atualidade como se nos falasse agora, já em 1919, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, acenava com a necessidade da organização dos trabalhadores do campo e das cidades contra a exploração desenfreada do intermediário, formando fileira ao lado de Bastiat e Gide, nas suas imprecções em defesa do consumidor. De Ruy cooperativista...

"Considerando, assim, o sétimo ponto — exclamou Ruy — assentemos o oitavo, dos que se me afiguram predominantes no rôl prático dos artigos de ingerência da lei nas relações do trabalho com o capital. Aludo aos armazéns de venda, estabelecidos com a côr de benefício aos trabalhadores, mas que, na realidade, não são mais do que aparelhos de escravização dêles ao capital, a cuja indústria servem. As relações do credor a devedor e devedor a credor, travadas por êsse meio entre operários e patrões, acabam numa sujeição que nunca mais se resolve, num sistema de usura perpétua e lenta, numa espoliação irremissível em que se vão tôdas as economias do trabalho e, com elas, tôda a dignidade, tôda a energia, tôda a seiva moral dos trabalhadores".

Seria, provavelmente, inexecuível o intento de arranjar pela raiz, em torrão como o nosso, êsse praguêdo absolutamente daninho. É mal como o da tirica ou da saúva, contra os quais se baldam o ferro ou o fogo, e, nem por isso, o ferro ou fogo descansam. Mas, nas cidades, pelo menos, não será impossível que uma combinação de me-

didias legais, bem estudadas, nos acerque de sua extinção total".

Realmente, como previra Ruy, não seria impossível uma continuação de medidas legais para libertar os consumidores, que todos nós somos, das garras gananciosas e da gula irrefreada do intermediário insaciável.

Já agora, a Lei aí está. Trêze anos após a oração do Mestre, foi ela decretada e os resultados são magníficos. Proliferam em todo o território de sua Pátria, as Cooperativas de Consumo, organizações únicas que permitem, em nosso regime econômico, a libertação do jugo dos baracões, como tanto êle desejava.

Não teve Ruy, porém, vida bastante para colher os frutos de sua pregação. Mas, que importa? Só dos mediócras é que as obras duram, exatamente, o tempo de sua permanência sobre a terra. Os gênios constroem para a eternidade.

"Leonidas e Pericles — declara Eça — não bastariam para que a velha Grécia ainda vivesse nova e radiosa nos seus espíritos: foi-lhes preciso ter Aristophanes e Eschylo. Tudo é efêmero e ôco nas sociedades, sobretudo o que nela mais nos deslumbra. Podes-me tú dizer quem foram no tempo de Shakespeare os grandes banqueiros e as formosas mulheres? Onde estão os sacos d'ouro dêles e o rolar do seu luxo? Onde estão os claros olhos delas? Onde estão as rosas de York que floriavam então? Mas Shakespeare está realmente tão vivo como, quando no estreito tablado de Globe, êle dependurou a lanterna que devia ser a lua triste e amorosamente invocada, alumando o jardim dos Capuletos. Está vivo duma vida vida melhor, porque o seu espírito fulge com um sereno e contínuo esplendor, sem que o perturbem mais as humilhantes misérias da carne".

E Ruy? Que melhor recompensa lhe poderia ser dada do que o reconhecimento da posteridade ao seu esforço, à sua tenacidade, ao seu talento?

As Cooperativas que se distribuem pelo Brasil inteiro, e que atuam, decisivamente, na formação de melhores condições de vida, constituem verdadeira consagração ao Mestre. E tôdas, unidas num só pensamento, acendem-lhe círios neste seu centenário de nascimento, à semelhança e com a reverência de Píco de Mirandola, ante a efigie de Platão...

WLADIMIR GUIMARAES

(Transcrito de "Coop", n. de Novembro — Baía — 1949)

Conclusão da página 7

mais fantásticas ideias debatendo-se no cérebro alucinado?

O suicida é um indivíduo anormal... extraordinário. E tu és um destes, também o criminoso é um anormal. Com o crime distingue-se dos outros, da monotonia da vida, do vulgar.

Assassino — (Sobressaltado):

—Estarei ficando louco? Isto é real? Por favor, responde-me... Estou louco?

Estranho :

—Mas que absurdo, tranquilisa-te... Também já estás a dizer asneiras.

Assassino :

—Sim... sim, foi uma bruta asneira eu pensar em loucura — (Rí) — Imagina eu, em meu perfeito juízo, falando e pensando como todos os dias, enlouquecer de repente?! Ainda à pouco acendi e fumei um cigarro calmamente... — (Com um gesto de aborrecimento) — Como isto tudo me enfada.

Estranho :

—Logo mais, não terás mais que te preocupar com estas banalidades. O suicídio acalma tudo, tudo morre com o suicídio, até o próprio suicídio.

Assassino :

Sempre o suicídio, suicídio...

Estranho :

—Pretendes contar tudo à polícia, fazer uma confissão completa? Terei o imenso prazer de te ver na decomposição lenta e exaustiva, no meio da imundície, da lama, da miséria. — (rí zombeteiramente) — Já provaste de tudo, passaste por todos os obstáculos da sensação e do prazer, mas duvido que passes por este. Pobre idiota quero-te encontrar escarrando sangue, tísico, nojento. Vai, imundo, vai... entrega-te.

Assassino :

—Para! Para! Nunca me vencerás monstro ignobil. Mato-te antes disto. — (Tira um punhal do peito) — Este é o punhal que acabei de enterrar no peito dum desgraçado. Este é o punhal que se tingiu de vermelho, que provou o sangue morno e virgem dum coração. Este é o punhal que te matará cão.

Estranho :

—Acalma-te homem... acalma-te.

Assassino — (Levantando-se e ameaçando o outro com o punhal)

—Mato-te! Há pouco disseste que o homem jamais poderá vencer a consciência. — (Solta uma gargalhada) — Veremos... Veremos se tu és a consciência. Estou com um desejo doido de matar, sentir o sangue latejando e fervendo nas mãos, no corpo. Quero-te cortar aos pedaços, chupar todo o teu sangue... embriagar-me. Matarei minha consciência, vou livrar-me dela para sempre... até a morte. Até lá hei de matar, matar, matar... Tomarei banho de sangue fresco e puro, depois beberei. Vais morrer consciência, depois serei livre. Não terei mais remorsos, arrependimentos. Louco? Eu louco? — (Sorri) — Tolices. Esmagarei estes vermes que chamam de homens. O que é um homem? Uma massa de carne e osso, dotado de uma inteligência escravizada pela consciência, pelos preconceitos, pela sociedade. Eu é que sou o homem, tenho vontade livre, minha mente não é escrava, faço o que quero, mato... mato!

Estranho :

—Então? — (Levanta-se)

Assassino :

—O fim! — (Atira-se brandindo o punhal contra o outro)

POEMA - MARITIMO

- Reynaldo Bairão -

Renasçam, que alguém se torne alegre,
que alguém se torne grande!

Renasçam!

Que todos os que fôram mortos renasçam outra vez!
Que as luzes iluminem todo lugar escurecido!

que eu não seja mais eu,

que eu não tenha mais pátria,

que os mitos não se tornem mais fálcos ainda,

que as preces não se prendam mais às religiões.

É preciso que as mulheres não ouçam mais os ventos,

É preciso que as crianças possam chorar...

É preciso que se acabe com aquilo em que não se crê.

É preciso que se comece tudo outra vez.

É preciso que se acredite que o mundo se vai proscreever.

Fuga, exorcismo e dôr — perigo de findas madrugadas —,

Já não é possível continuar!

Nós acordaremos, tôdas as tardes, embriagados.

Ficarei cansado e triste ao encontrar a noite.

Sentaremos sob as árvores e contarei estrélas vermelhas.

Um homem passará e não nos deixará seu rastro.

Um silêncio cairá com o imitado crepúsculo.

Nada sentiremos quando alguém nos atirar olhares.

Seremos os últimos a sentir a inevitável queda.

Impassível e só, serei tão triste

como ninguém o foi jámais.

Morte a todos os homens

e que as crianças não apareçam.

Que tôdas as rosas

Sejam queimadas de vez.

Já não é possível

continuar pelo perdão

Jogaremos nosso ódio insaciável

sôbre os que vêm sem olhos

d'agonia.

Cansados iremos sem nos deter,

iremos tristes e sós,

pela penumbra da ponte.

(Em jardins esmaecidos

uma vez já foi meu pai)

Iremos cansados e tontos

de tanto esquecer.

(Não ouço música,

mas eu grito,

berro e choro)

Há silêncio nos passos

que todos darão.

(Vou alquebrado,

crepuscular)

Todos os homens, porém, vão morrer...

(Vou satisfeito,

quero esquecer!)

Não é possível ser alegre quando o barulho é tamanho.

Não é possível que as flôres reapareçam nas ruas.

Tudo que foi, antes de mim, não será outra vez como já foi.

As cidades, hoje inanimadas, se transformam ante o in-

[sofismável.

Recai, sôbre cada um, a culpa que ninguém teve na história.

É triste o cair da tarde, navio que rasga o cinzento das

[horas.

É fraco o som que paira sôbre os peixes aflitos e arrepen-

[didos.

É úmido o movimento das pessoas que não se conhecem

[por contacto.

Acabrunha sentir que o impalpável não se aproxima desta vez.

Ser abstrato, invisível, neófito, imprevisível, pária, otário.

Fugir, agora de tôdas as convenções não formalizadas.

Não olhar para o alto com as gargalhadas nefastas de um

[Deus sem razão.

Recebemos e Agradecemos

(Parte dêste noticiário é também apresentado na Página Literária dominical que o CAM mantem no Jornal "O Estado")

Fevstas :

Cultura — ano 1 n° 2 — Rio — 1949 — revista do serviço de documentação do Ministério de Educação e Saúde. Direção de José Simeão Leal. Como previmos este segundo supera de muito o primeiro — que já era ótimo. É verdadeiramente uma revista do Brasil para o mundo. Feita com extremo cuidado, bom gosto e critério, matéria selecionada, notas, informações, etc. Quase não há trabalho a destacar, pois todos estão bons e preenchem as finalidades. Mesmo assim anotamos : de *Pensamento* — Arte — A caricatura, arma secreta da liberdade, por Herman Lima; Calder e a música dos ritmos, por Mario Pedrosa; *Literatura* — Algumas reflexões sobre Rimbaud, de Carlos Dantes de Moraes; Neologismos poéticos, de Antonio de Padua; Uma fonte de Machado de Assis, por Eugenio Gomes; de *Documentario* — Arte negra do Brasil, por Artur Ramos; de *Resenha* — A escultura de Bruno Giorgi, por Mario de Andrade; Breves considerações sobre a música atonal e a técnica dos dose sons, por Luis Cosme; E ainda notas importantes em *Bibliografia e Vária*.

Acaiaça — ano 12 n° 1 — Belo Horizonte — Minas Gerais — Direção de Carlos Philinto Prates, secretaria de Carlos Brant. Normalmente nos vem chegando esta revista com variada colaboração em prosa e verso.

Esfêra — n° 22 — Rio — Direção: Silvia de Leon Chalreo. Bastante melhorada nos chega este número da revista, com reportagens, contos, poemas, informações, etc..

Clã — ano 2 n° 8 e 9 — Fortaleza — Ceará — Diretor: Fran Martins, secretaria de Aluisio Medeiros. Num só volume e com a colaboração de sempre nos chega esta revista do norte.

Revista Brasileira de Poesia — vol. 2 n° 5 — Direção Pericles Eugenio da Silva Ramos, Carlos Burlamaqui Kopke, João Accioli e Domingos Carvalho da Silva.

Um belo número da revista de poesia, bem feito, com colaboração em prosa e verso dos nomes mais em destaque nas letras brasileiras, além de notas de crítica, especialmente sobre poesia, informações, etc.

Tentativa — ano 1 n° 5 — Atibaia — Dirigida por André Carneiro, Memolo Jr. e Dulce G. Carneiro. Bons poemas interessantes depoimentos de vultos da geração de 22 e da nova, além das notas de informação e comentários.

Correio dasrtes — Suplemento Literario do Jornal "A União" — n° 13 a 30 — Orientação de Edson Regis: Continua em franco progresso o belo suplemento da Paraíba, inteligentemente ve-se orientado pelo poeta Edson Regis.

Suplemento Literario do Diario de Minas — Boa colaboração e uma ótima secção informativa.

Página Literária da Gazeta de Alagoas — Dirigido pelo escritor Sílvio de Macedo, com interessantes colaborações.

Viagem — n° 109 — março 1949 — Lisboa — Portugal.

Região — n° 11 — Recife — Pernambuco — Direção de Edson Regis. Com a interessante colaboração de sempre.

Todo por Guanabacoa — ano 4 n° 34 — Diretor: Luis Santamaria, Cuba.

Novo Mundo — ano 4 n° 43 — Guiratinga — Mato Grosso — Direção de Raimundo Magalhães Aires.

O Estudante — ano XVIII n° 1 cataguases — Minas Gerais — julho 949 — Órgão do ginasio Machado de Assis do Colegio de Cataguases.

Revista Branca — ano 2 n° 8 — Rio — Direção de Saldanha Coelho.

Cronos — ano 1 n° 5 — Rio — Direção de Adriano Cury. Colaboração como sempre boa. Cronos é uma das nossas revistas mais bem apresentada graficamente.

Horizonte — ano 1 n° 1 e 2 — Porto Alegre — R. G. do Sul — Direção de Ciro Martins. Boa colaboração em prosa e verso.

Investigações — revista do departamento de investigações — S. Paulo ano 1 n° 6, 7, 8 e 10. Uma boa revista, não só técnica, especializada, mas de interesse geral, pois apresenta em todos os números trabalhos culturais, além de notas, informações, etc. Do número 10, o mais recente, citamos: "Evoluções mentais paralelas em povos primitivos do pacifico, da america e do mediterraneo pelo Barão Otorino de Fiore de Cropani. "O misterio sobre a morte de Gerard de Nerval", de Raimundo de Meneses; "O crime nos contos de fadas", de Otavio Goulart de Camargo, etc.

The Hudson Review — vol. 1 n° 5 — Nova York — U. S. A. Mais um número desta ótima revista de novos dos Estados Unidos, onde há a destacar bons trabalhos em prosa e verso, além de notas oportunas sobre cinema, teatro, livros, etc.

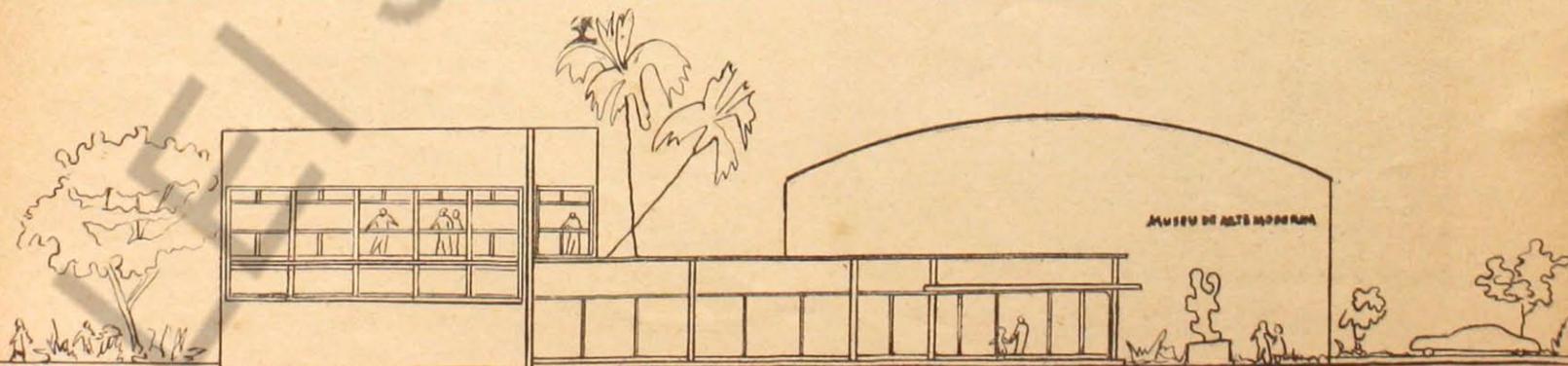
Bando n° 12 ano 1 Natal — R. G. N. Número comemorativo do primeiro ano de existencia. Colaboração boa e variada.

O Mandarim ano 2 n°s 16 — 17. Penapolis. Diretor: José Bessa.

Rubicon — Barbacena, dezembro de 49 n° 317. Direção de Ines Piacesi.

Arte e Literatura — Suplemento da Tribuna de Petropolis ano 1 n° 5

Provincia de São Pedro n° 13. Diretor Moysés Velhinho. Ótima colaboração de Eugenio Gomes, Carlos Drummond de Andrade, Aurelio Buarque de Holanda, Otto Maria Carpeaux e muitos outros.



Museu de Arte Moderna de Florianópolis — Projeto de Flávio de Aquino

VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CÁLCULOS — CONSTRUÇÕES
TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2º andar

FLORIANÓPOLIS

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

I. J. ATHERINO & CIA.

R. Jerônimo Coelho, 2 — Fpolis. — S. C.

Armazem de Gêneros Alimentícios

Artigos de primeira qualidade

Atacadista e Varejista

O ÚNICO

FLORISBELO

ALFAIATE

Florianópolis

CASA GUARACY

— DE —

BRAZ LIMONGI

Casimiras — Linhos — Ternos

Armarinhos — Modas em geral

· Confeções infantis

Rua Trajano, 10 — Florianópolis



Roupas feitas para senhoras e crianças

LIVRARIA ROSA

Qualquer livro. . .

(Romance, poesia, religião, técnico)
de qualquer editora. . .

(nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

Rua Deodoro, 33

Florianópolis

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS
DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

LIVRARIA MODERNA

DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de escritório,
em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8
FLORIANÓPOLIS

CLÍNICA DE CRIANÇAS

DO

DR. M. S. CAVALCANTI

Residência:

Consultório:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16

Fone M. 732

Das 3 às 5 horas

FLORIANÓPOLIS

A COMPANHIA TELEFÔNICA CATARINENSE
está instalando, neste momento, os telefones auto-
máticos em Itajaí, Canoinhas, São Francisco e Lajes.

CASIMIRAS

DIRETAMENTE DAS

MELHORES FABRICAS

e vendidas pelos menores preços

CASA TRÊS IRMÃOS

Rua Felipe Schmidt, 22 — Florianópolis

SUL

SUMÁRIO

O ROSTO E A MASCARA — ODE AO ÚLTIMO POETA
Eglê Malheiros Marco Aurélio Moura Matos

NOTÍCIAS DAS TEMPORADAS TEATRAIS EM
FLORIANÓPOLIS
Salim Miguel

FALA A "LETRAS E ARTES" O ESCULTOR BRÚNO
GIORGI

RENATO ALMEIDA E OS NOVOS DE STA. CATARINA
Walmor Cardoso da Silva

ENTREVISTA COM BRÚNO GIORGI
Élio Ballstaedt

ESCRavidÃO — MENSAGEM À AMADA — POEMA
Matilde D'Espaux — Sérgio Veloso — L. F. Rebêlo

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE — O LOUCO
Desenho de Segall H. Mund Jr.

UMA ANTOLOGIA... NADA ANTOLOGIA — LIVIA
Salim Miguel — Pedro Taulois

PASCHOAL CARLOS MAGNO E OS NOVOS DE
SANTA CATARINA
Eglê Malheiros

REPRESENTAÇÃO DE PINÓCCHIO — O HOMEM
MAGRO
Ody Fraga — Margot Ganzo

CRÔNICA DE POESIA — PALESTRA DO ESCULTOR
BRÚNO GIORGI
Antônio Paladino

GROISSET E O TEATRO BRASILEIRO
Aldo Calvet

DOIS ANOS DE ATIVIDADES DO C. A. M.
Archibaldo Cabral Neves

RUI E O COOPERATIVISMO — POEMA MARÍTIMO
Wladimir Guimarães — Reynaldo Baitrão

"LA GUERRA DE LOS DIOSSES"
Matilde D'Espaux

"ANUNCIACÃO" — DESENHO DE DEL PRETE

